

ALINE NASCIMENTO CRATO

Marcação de tempo por surdos sinalizadores

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências

Programa de: Ciências da Reabilitação
Área de Concentração: Comunicação Humana
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Silvia Cárnio

São Paulo
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ALINE NASCIMENTO CRATO

Marcação de tempo por surdos sinalizadores

Dissertação apresentada à Faculdade de
Medicina da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Ciências

Programa de: Ciências da Reabilitação
Área de Concentração: Comunicação Humana
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Sílvia Cárnio

São Paulo
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Crato, Aline Nascimento

Marcação de tempo por surdos sinalizadores / Aline Nascimento Crato. --
São Paulo, 2010.

Dissertação(mestrado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Programa de Ciências da Reabilitação. Área de concentração: Comunicação
Humana.

Orientadora: Maria Silvia Cármió.

Descritores: 1.Linguagem de sinais 2.Surdez 3.Avaliação 4.Linguagem

USP/FM/DBD-294/10

Esta dissertação está de acordo com as seguintes normas, em vigor no momento desta publicação:

Referências: adaptado de *International Committee of Medical Journals* Editors (Vancouver)

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Serviço de Biblioteca e Documentação. *Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias*. Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Julia de A. L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena. 2ª ed. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação; 2005.

Abreviaturas dos títulos dos periódicos de acordo com *List of Journals Indexed in Index Medicus*.

Agradecimentos

À minha orientadora Prof^a Dr^a Maria Silvia Cárnio, pelos ensinamentos indispensáveis à minha formação, dedicação na orientação deste trabalho e exemplo de caráter profissional;

À Dr^a Maria Inês Vieira Couto, pelas valiosas sugestões e incentivo;

Às professoras Ida Lichtig, Fernanda Dreux Miranda Fernandes e Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka pelas colaborações no Exame de Qualificação;

Aos surdos que participaram desta pesquisa, que me ensinaram a refletir sobre a Língua de Sinais e deram sentido aos meus estudos;

Aos amigos do Núcleo de Inclusão Profissional e Educacional para Surdos, pelas discussões de casos e incentivo constante;

Às colegas do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Leitura e Escrita pelas idéias e apoio;

Ao meu marido Levy pela ajuda durante a análise das filmagens;

OBRIGADA a todos que torceram para a concretização deste trabalho.

Sumário

Lista de abreviaturas e siglas	
Lista de figuras	
Lista de gráficos	
Lista de quadros	
Lista de tabelas	
Resumo	
Summary	
1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 Objetivos.....	06
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	07
2.1 Aquisição de segunda língua em ouvintes e surdos.....	08
2.2 Aquisição da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa Escrita por surdos.....	11
2.3 A classificação dos verbos e a marcação de tempo.....	18
2.3.1 Língua Portuguesa.....	18
2.3.2 Língua Brasileira de Sinais.....	24
2.4 O uso de verbos na produção escrita de surdos brasileiros.....	37
3 MÉTODOS.....	41
3.1 Caracterização da instituição onde foi realizada a pesquisa.....	42
3.2 Participantes.....	44
3.2.1 Seleção da amostra.....	44
3.2.2 Caracterização dos participantes.....	45
3.3 Materiais e equipamentos.....	48
3.4 Procedimentos.....	50
3.4.1 Questionário sobre a trajetória lingüística e escolar.....	50
3.4.2 Audiometria tonal limiar.....	50
3.4.3 Avaliação da escrita e da Libras.....	51
3.5 Critérios para a análise dos resultados.....	52
3.5.1 Análise das avaliações dos marcadores utilizados para indicar o tempo nas produções das frases em Libras.....	52

3.5.2 Análise das avaliações das flexões verbais e dos marcadores de tempo nas produções das frases na Língua Portuguesa Escrita.....	54
3.5.3 Análise estatística.....	56
4 RESULTADOS.....	57
4.1 Avaliação dos marcadores utilizados para indicar o tempo das frases expressas em Libras.....	58
4.2 Avaliação da flexão verbal e dos marcadores de tempo nas produções das frases escritas.....	65
4.3 Comparação entre as produções das frases em Libras e na Língua Portuguesa Escrita.....	76
5 DISCUSSÃO.....	77
6 CONCLUSÃO.....	86
7 ANEXOS.....	88
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASI	Aparelho de amplificação sonora individual
CAPPesq	Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética e Pesquisa
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
NAFI	Núcleo de Audição, Fala e Inclusão
NIPES	Núcleo de Inclusão Profissional e Educacional para Surdos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Verbo: ENSINAR.....	25
Figura 2 – Verbo: CONVERSAR.....	26
Figura 3 – Verbo: COMER (isolado)	27
Figura 4 – Verbo: COMER-MAÇÃ.....	27
Figura 5 – Verbo: IR (isolado).....	28
Figura 6 – Verbo: CARRO-IR.....	28
Figura 7 – Verbo: AMAR.....	29
Figura 8 – Verbo: RESPONDER.....	30
Figura 9 – Verbo: COLOCAR.....	30
Figura 10 - Verbo: PERGUNTAR.....	31
Figura 11 - Verbo: _{pessoa} CAIR.....	32
Figura 12 - Verbo: _{copo} CAIR.....	32
Figura 13 - Verbo: CORAÇÃO OPERAR.....	33
Figura 14 - Verbo: CABEÇA OPERAR.....	33
Figura 15 - Organograma dos setores de atendimento da instituição.....	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Comparação entre as frases expressas em Libras nos tempos: passado, presente e futuro.....	58
Gráfico 2: Comparação entre as flexões verbais de tempo nas frases escritas na Língua Portuguesa nos tempos passado, presente e futuro..	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos marcadores de tempo utilizados na produção das frases expressas em Libras no passado por sujeito.....	59
Quadro 2 – Distribuição dos marcadores de tempo utilizados na produção das frases expressas em Libras no presente por sujeito.....	61
Quadro 3 – Distribuição dos marcadores de tempo utilizados na produção das frases expressas em Libras no futuro por sujeito.....	63
Quadro 4 – Distribuição da flexão verbal de tempo utilizada pelos sujeitos nas frases escritas no passado.....	66
Quadro 5 – Distribuição da flexão verbal de tempo utilizada pelos sujeitos nas frases escritas no presente.....	67
Quadro 6 – Distribuição da flexão verbal de tempo utilizada pelos sujeitos nas frases escritas no futuro.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa.....	46
Tabela 2 – Caracterização da trajetória lingüística dos participantes.....	47
Tabela 3 – Concordância entre a pesquisadora e o instrutor de Libras em relação ao Tempo das frases.....	57
Tabela 4 – Concordância entre a pesquisadora e o instrutor de Libras em relação aos marcadores utilizados para indicar o tempo.....	57
Tabela 5 – Comparação entre o desempenho dos sujeitos na produção das frases expressas em Libras nos tempos: passado, presente e futuro.....	58
Tabela 6– Comparação entre as flexões verbais de tempo utilizadas pelos sujeitos nas produções das frases escritas nos tempos passado, presente e futuro.....	70
Tabela 7 – Comparação entre os sujeitos das diferentes séries escolares e seus desempenhos no uso das flexões verbais dos tempos passado e presente.....	71
Tabela 8 – Comparação entre os marcadores de tempo utilizados nas frases da Língua Portuguesa nos tempos passado, presente e futuro com as séries escolares.....	73
Tabela 9 - Correlação dos marcadores de tempo do passado, presente e futuro utilizados nas frases da Língua Portuguesa Escrita pelos sujeitos 12, 16, 17 e 18 com variáveis quantitativas.....	74
Tabela 10 – Comparação entre a categoria com quem aprendeu a usar a Libras com os marcadores de tempo utilizados nas frases escritas.....	75
Tabela 11 – Comparação entre o desempenho dos sujeitos na produção das frases escritas na Língua Portuguesa e das frases expressas em Libras nos tempos passado, presente e futuro.....	76

Crato NA. Marcação de tempo por surdos sinalizadores.[dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2010. p.114.

Resumo

INTRODUÇÃO: Pesquisas nacionais enfatizam que os surdos apresentam dificuldade no uso da flexão verbal de tempo na escrita do português. Esta afirmação é inquestionável, contudo a origem desta dificuldade é atribuída a vários fatores, tais como: influência da Língua de Sinais, dificuldade de acesso à Língua Portuguesa e práticas de ensino descontextualizadas. Buscando compreender melhor este processo, o presente estudo teve como objetivos verificar se e como os surdos flexionam os verbos na Língua Portuguesa Escrita e se eles utilizam outros marcadores de tempo nesta língua e na Língua Brasileira de Sinais. **MÉTODOS:** O estudo foi realizado com 18 sujeitos com perda auditiva neurossensorial profunda bilateral pré-lingüística, com idade entre 15 e 23 anos, escolaridade de 3ª a 6ª série do Ensino Fundamental, matriculados em sala regular de escola pública, usuários da Língua Brasileira de Sinais, filhos de pais ouvintes e sem comprometimentos associados à surdez. Os indivíduos foram avaliados quanto ao conhecimento em Língua Brasileira de Sinais de nove verbos de ação, por meio de cartelas contendo figuras que os representavam, e em seguida foram orientados a elaborar três frases na Língua Portuguesa Escrita e na Língua Brasileira de Sinais com cada verbo, sendo uma no tempo passado, uma no presente e uma no futuro. Os dados foram avaliados qualitativa e quantitativamente. **RESULTADOS:** Apesar de a maioria dos participantes da pesquisa utilizar adequadamente os marcadores de tempo nas frases expressas na Língua Brasileira de Sinais, esperava-se melhor desempenho dos sujeitos por ser a língua preferencial de comunicação. Nas frases do passado e do futuro predominaram o uso de adjuntos adverbiais para marcar o tempo e no presente predominou o uso de advérbios de tempo. Nas frases escritas houve o predomínio do verbo na forma nominal do infinitivo. Apenas quatro sujeitos fizeram uso de marcadores utilizados na língua de sinais para indicar o tempo nas frases escritas. Os sujeitos apresentaram melhor desempenho no tempo presente na elaboração das frases na Língua Brasileira de Sinais e na Língua Portuguesa Escrita. Houve relação estatisticamente significativa entre o uso das flexões verbais no tempo presente e a utilização de outros marcadores de tempo na escrita com o aumento da escolaridade. **CONCLUSÃO:** A maioria dos surdos do estudo utiliza marcadores de tempo nas frases expressas na Língua Brasileira de Sinais e apresenta dificuldade na Língua Portuguesa Escrita. Os resultados sugerem que com o avanço da escolaridade esta dificuldade é sanada. Este fato demonstra a necessidade de se repensar as práticas de ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua, para que o surdo tenha a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e apropriar-se cada vez mais cedo da escrita.

Descritores: linguagem de sinais, surdez, avaliação, linguagem

Crato AN. Tense marking by deaf signers. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2010. p.114.

Summary

INTRODUCTION: Brazilian researches have emphasized that deaf students present difficulty in the use of verbal inflexion for tense in written Portuguese. This statement is unquestionable; nevertheless the origin of this difficulty is attributed to several factors, such as: influence of Sign Language, difficulty to access the Portuguese Language, and teaching practices out of context. In order to better understand this process, this study aimed to verify if and how deaf signers use verbal inflection for tense in Portuguese written language and to observe the presence of other resources for tense marking in this language and in Brazilian Sign Language. **METHODS:** The study was carried out with 18 subjects with profound bilateral sensoryneural hearing loss, ranging in age from 15 to 23 years old, and with an educational level varying from the 3rd to the 7th grade of a regular public Elementary School. All subjects were users of Brazilian Sign Language and had hearing parents; they did not present other disorders associated to deafness. Subjects were assessed concerning the knowledge of nine action verbs in Brazilian Sign Language through boards with pictures representing the actions; they were asked to elaborate three sentences with each verb in written Portuguese and in Brazilian Sign Language, one in the past tense, one in the present and one in the future tense. Data were analyzed qualitative and quantitatively. **RESULTS:** Despite the adequate use of tense markers by most of the participants of the study in Brazilian Sign Language, a better performance was expected once sign language was the preferable communication language. Adjuncts of adverb were the most frequent tense markers used in the past and in the future sentences, and adverbs of time were predominant in the present tense. Only four subjects used sign language markers to indicate time in written sentences. Subjects presented better performance in the elaboration of sentences in the present tense in both, Brazilian Sign Language and in Written Portuguese. There was a significant statistical relation between the use of verbal inflexion in the present tense and the use of other tense markers in written production according to the increase of the educational level. **CONCLUSION:** Most of the deaf participants use tense markers in sentences expressed in Brazilian Sign Language and present difficulty in the Written Portuguese. Results suggest that the greater the educational level, less difficulty will be presented. This fact demonstrates the need for rethinking practices of Portuguese teaching as a second language in order for the deaf to have the opportunity to broaden their knowledge and to master writing sooner.

Descriptors: sign language, deafness, evaluation, language

1 INTRODUÇÃO

Iniciei meu curso de Fonoaudiologia no segundo semestre de 2000 na Universidade Federal de Minas Gerais. Durante minha formação tive a oportunidade de ter um breve contato com indivíduos surdos que utilizavam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como forma preferencial de comunicação.

Em 2005 comecei a trabalhar no Núcleo de Inclusão Profissional e Educacional para Surdos do Ambulatório de Reabilitação Auditiva que desenvolve um projeto no interior de São Paulo. O núcleo atende indivíduos surdos que estão inseridos no ensino regular.

Por meio de estudos lingüísticos (Stokoe, 1960; Ferreira-Brito, 1984, 1995; Bellugi, Klima, 1990; Fernandes, 1990; Quadros, 1997; Quadros, Karnopp, 2004; Felipe, 2005), constatei que a Libras é uma língua completa, com todos os universais lingüísticos necessários para se constituir uma língua e, portanto, permite a transmissão de idéias abstratas e complexas.

Verifiquei a necessidade dos profissionais que trabalham com surdos em conhecer e utilizar a Libras. O decreto lei número 5.626 de 22 de dezembro de 2005 determina o ensino da Língua Brasileira de Sinais como disciplina obrigatória nos cursos de professores, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia. Apesar da aprovação deste decreto, é necessário que os envolvidos tenham interesse no aprendizado e uso dessa língua. A utilização da Libras como meio efetivo de comunicação só será

atingida quando o decreto lei realmente for cumprido em todo o território nacional.

Neste período iniciei meus estudos teóricos e práticos sobre a Libras, para que pudesse ter uma comunicação efetiva com os pacientes surdos sinalizadores. Além de avaliações, encaminhamentos, grupos de pais, terapias individuais e em grupos, tive a oportunidade de participar do serviço itinerante escolar, juntamente com professoras especializadas na Educação de Surdos, a fim de esclarecer e subsidiar recursos práticos e teóricos aos professores dos estudantes surdos inseridos no ensino regular.

Nas visitas realizadas às escolas, foram observadas inúmeras reações dos professores em relação à presença de estudantes surdos em suas classes. O despreparo dos professores quanto à comunicação, didática e metodologia para o ensino da leitura e escrita aos surdos era verbalizado por eles com reações adversas, tais como: angústia, impotência, medo e descaso. Além disso, os professores relatavam que se soubessem utilizar a Libras com os estudantes surdos todas as dificuldades relacionadas à aquisição da leitura e da escrita seriam resolvidas. Sabe-se que uma comunicação efetiva entre professor e aluno surdo é fundamental para o acesso à informação; contudo não garante a aquisição e domínio de conhecimentos lingüísticos sobre a Língua Portuguesa Escrita, uma vez que estes dependem de habilidades metalingüísticas.

No segundo semestre de 2005, foi criado o Programa de Orientação Profissional para auxiliar os pacientes surdos em assuntos referentes ao futuro profissional e independência financeira. Os surdos maiores de 18

anos foram inseridos no mercado de trabalho e começaram a trabalhar na linha de produção de empresas do Vale do Paraíba. Os que se destacaram na linha de produção tiveram a oportunidade de serem promovidos, mas foram impossibilitados de desempenhar a nova função devido à grande dificuldade na leitura e escrita.

Em 2006 iniciei o curso de Libras na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e a especialização no Laboratório de Leitura e Escrita do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Pude observar que os surdos residentes na capital de São Paulo tinham a oportunidade de ter um acesso maior ao letramento social e estavam organizados em associações de surdos, demonstrando um envolvimento político maior em relação aos surdos do interior.

Os surdos que eu atendia que residiam em cidades do interior de São Paulo estavam matriculados em séries iniciais do Ensino Fundamental, mesmo após um tempo de escolaridade elevado.

Nestes anos que venho atuando como fonoaudióloga de pacientes surdos sinalizadores observo que estes indivíduos apresentam dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita do Português, principalmente em relação ao uso dos verbos, tanto na produção quanto na recepção escrita, ou seja, não reconhecem os verbos, dependendo da conjugação, durante a leitura.

Estudos sobre as produções escritas de surdos brasileiros mencionam a dificuldade destes indivíduos no uso dos verbos, principalmente em relação à flexão de tempo e modo (Fernandes, 1990,2003; Góes, 1999).

Para Fernandes (1990) a dificuldade dos surdos no emprego dos verbos é consequência do afastamento da Língua Portuguesa e não deve ser considerada como própria destes indivíduos.

Este fato me levou a pesquisar durante o curso de especialização a flexão verbal de tempo na escrita de surdos sinalizadores. Neste trabalho pude observar que a maioria dos sujeitos utilizava os verbos na forma nominal do infinitivo, demonstrando que desconheciam a gramática da Língua Portuguesa Escrita, ou seja, que o tempo deve ser marcado de forma diferente (Crato, Cárnio, 2009). Na Libras o verbo não apresenta flexão de tempo, o momento da ação é marcado pelo implemento de locativos temporais (Ferreira-Brito, 1995).

Na produção escrita de frases, os surdos pesquisados utilizaram os verbos no infinitivo, acrescidos de advérbios de tempo, os quais proporcionaram o entendimento do tempo ao qual a frase estava se referindo. Este fato sugere que estes indivíduos têm conhecimento da importância da marcação de tempo na língua escrita, mas não sabem como realizar esta indicação no verbo.

Observa-se na literatura uma diversidade de fatores que desencadeiam as dificuldades no uso de verbos por surdos, tais como influência da língua de sinais, falta de conhecimento da Língua Portuguesa Escrita e práticas pedagógicas descontextualizadas.

Diante do exposto levantamos algumas questões: Os surdos sabem utilizar os marcadores de tempo da Libras? Quais os marcadores de tempo são mais utilizados? Os surdos sinalizadores utilizam a flexão verbal de tempo na Língua Portuguesa Escrita? Como os surdos sinalizadores realizam a flexão verbal de tempo na Língua Portuguesa Escrita? Os surdos utilizam os marcadores de tempo da Libras na produção de frases escritas na Língua Portuguesa?

As hipóteses que deram origem à pesquisa foram:

1. Os surdos sinalizadores utilizam os marcadores de tempo da Libras corretamente, pois esta é a língua preferencial de comunicação dos mesmos.

2. Os surdos sinalizadores apresentam dificuldades na flexão verbal de tempo na escrita da Língua Portuguesa pelo distanciamento desta língua.

1.1 OBJETIVOS

O presente estudo tem como objetivo principal avaliar se e como os surdos flexionam os verbos de acordo com o tempo da frase na Língua Portuguesa Escrita e se utilizam outros marcadores de tempo nesta língua e na Libras.

Como objetivos específicos pretende-se:

- Analisar os marcadores de tempo utilizados pelos surdos na produção de frases em Libras e na Língua Portuguesa Escrita.
- Avaliar o desempenho dos surdos no uso das flexões verbais de tempo na produção de frases na Língua Portuguesa Escrita e dos marcadores de tempo de frases expressas em Libras.
- Analisar se existe relação entre os marcadores de tempo utilizados pelos surdos na produção de frases em Libras e na Língua Portuguesa Escrita.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo está dividido em quatro partes.

Na primeira parte foi realizada uma breve revisão sobre a aquisição de uma segunda língua em ouvintes e surdos.

Na segunda parte foram abordados estudos sobre a lingüística da Língua de Sinais e a importância da aquisição desta língua por indivíduos surdos para que se garanta o desenvolvimento da linguagem e favoreça o aprendizado da Língua Portuguesa Escrita como segunda língua de forma eficiente.

Na terceira parte foi realizada uma descrição da classificação dos verbos e a marcação de tempo na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais, tendo como objetivo expor as diferenças morfológicas da concordância verbal e da utilização de tempo em ambas as línguas.

Na quarta e última parte foi feito o levantamento de pesquisas sobre a utilização de verbos na produção escrita de surdos.

2.1 Aquisição de segunda língua em ouvintes e surdos

A habilidade de escrita de um indivíduo em sua língua materna pode influenciar a qualidade dos textos gerados na segunda língua, devido à transferência de estratégias e habilidades da escrita (Kubota,1998).

Woodall (2002) realizou um estudo sobre o uso da primeira língua na escrita de uma segunda língua de vinte e oito sujeitos, sendo nove japoneses, onze ingleses e oito espanhóis. O autor observou que alguns escritores controlavam sua mudança de código (língua) e que usavam seu conhecimento da primeira língua para melhorar a qualidade da escrita dos textos na segunda língua. Os resultados demonstraram que os aprendizes menos proficientes da segunda língua utilizavam mais freqüentemente componentes da primeira língua do que os aprendizes mais avançados e que o uso da primeira língua aumentava em tarefas mais elaboradas.

Castro (2005) realizou um estudo sobre o uso da primeira língua (Português) nos processos de escrita de uma segunda língua (Inglês) em alunos do quinto período do curso de graduação em Letras (Português/Inglês) de uma universidade pública do Rio de Janeiro. A avaliação constituía em escrever um ensaio sobre um poema e responder perguntas sobre o mesmo na segunda língua. A autora observou que todos os alunos fizeram uso da primeira língua nas atividades de escrita na segunda língua como um recurso para melhorarem o desempenho na produção escrita. Estes dados corroboram o estudo de Wang e Wen (2002)

que apontam a utilização da primeira língua na escrita de uma segunda língua. Segundo os pesquisadores, os aprendizes utilizam seus conhecimentos de mundo e retóricos da primeira língua com o objetivo de enriquecerem suas produções.

Weijen et al. (2009) examinaram o uso da primeira língua (holandês) na escrita em segunda língua (inglês) de vinte estudantes holandeses. Os resultados corroboraram os de Wang (2003) e indicaram que todos os participantes usaram seus conhecimentos da primeira língua ao escrever em sua segunda língua.

Segundo a literatura (Kubota, 1998; Wang, Wen, 2002; Woodall, 2002; Devitto, Burgess, 2004; Castro, 2005; Rossa, Rossa, 2009) existe um consenso entre os pesquisadores que estudam a aquisição de uma segunda língua sobre a utilização da primeira língua neste processo.

Se para os indivíduos ouvintes é comum a utilização de traços da primeira língua na aprendizagem de uma segunda língua (Devitto, Burgess, 2004), esta afirmação também é verdadeira para os surdos.

O surdo, como qualquer sujeito bilíngüe, busca na língua que mais domina os elementos para significar a língua que está aprendendo (Peixoto, 2006). Deste modo, é equivocado associar a dificuldade da produção escrita de sujeitos surdos à perda auditiva (Quadros, 1997).

Segundo Svartholm (2008) até o momento não se conhecem diferenças entre surdos e ouvintes que usam duas línguas distintas para comunicação escrita e falada ou sinalizada.

De acordo com Svartholm (1998) não se deve relacionar o desempenho de estudantes surdos com o de ouvintes no uso da língua majoritária. A autora sugere que se utilize como parâmetro o desempenho lingüístico de um ouvinte aprendendo uma segunda língua.

Segundo Rossa e Rossa (2009) a maioria dos erros de formação de frases cometidos no aprendizado de uma segunda língua se deve ao fato dos sujeitos se basearem na estrutura da primeira língua. De acordo com os autores, não é possível o aprendizado de uma segunda língua se o aprendiz estiver exposto a modelos inadequados e influenciado por uma interlíngua.

Quanto mais línguas forem adquiridas por um sujeito, mais parâmetros serão fixados, o que pode facilitar o aprendizado de outras línguas. Isso ocorre porque o conjunto de parâmetros de algumas línguas pode coincidir (Quadros, 1997).

No caso de crianças surdas que utilizam a língua de sinais, além do fato da Língua Portuguesa ser sua segunda língua, existe a questão dela se apresentar numa modalidade lingüística diferente da sua primeira língua, ou seja, ela deverá aprender uma língua gráfico-visual enquanto a Libras é visuo-espacial (Quadros, 1997). Segundo Peixoto (2006) este é um diferencial importante na relação dos surdos sinalizadores com a escrita.

2.2 Aquisição da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa Escrita por surdos

As línguas de sinais são sistemas lingüísticos altamente complexos e variados, que exibem todas as características das línguas faladas, exceto o fato de não serem auri-orais (Hickok et al. 2001, Quadros, Karnopp, 2004, Moreira, 2007).

As pesquisas lingüísticas sobre as línguas de sinais tiveram início, na década de 60, a partir dos estudos de Stokoe (1960).

O pesquisador propôs um esquema lingüístico para analisar a formação dos sinais na Língua de Sinais Americana, que apresenta pelo menos três partes independentes: configuração de mãos, localização e movimento.

Em 1974 Battison incluiu, como fazendo parte dos parâmetros das línguas de sinais, a orientação/direcionalidade das palmas das mãos. Em estudo posterior, Baker e Padden (1978) identificaram a expressão facial e/ou corporal como traço diferenciador de alguns sinais.

De acordo com Hickock et al. (2001) no nível fonológico os sinais são compostos pela configuração das mãos, localização em volta do corpo, movimento de mãos e braços e orientação das palmas das mãos. No nível morfológico, a língua de sinais possui marcadores gramaticais que mudam o significado dos sinais, por meio de diferentes padrões na produção dos sinais. No nível sintático a ordem das palavras transmite a organização da sentença, podendo ser usado também o espaço para marcar a posição dos sujeitos na oração.

Os estudos de Bellugi e Klima (1990) com surdos sinalizadores, que apresentavam lesões nos hemisférios esquerdo e direito do cérebro, indicam que as línguas de sinais são processadas no hemisfério esquerdo, como as línguas orais, embora disponham de mecanismos espaciais. MacSweeney et al. (2002) e Marshall et al. (2004) comprovaram, por meio de exames de neuroimagem, que a ativação cerebral para os estímulos da língua de sinais segue modelos semelhantes ao da língua oral.

Segundo Morgan (2008) as pesquisas realizadas sobre a estrutura lingüística das línguas de sinais indicam que a aquisição de linguagem é semelhante às línguas orais. No estudo de Morgan et al. (2002) sobre a aquisição de linguagem de crianças surdas foi observada a presença de erros similares aos apresentados por crianças ouvintes. De acordo com Quadros (1997) estas pesquisas envolvem análise de produção de crianças surdas, filhas de pais surdos, pois apenas este grupo de crianças apresenta o “input” lingüístico adequado e que possibilita a análise do processo de aquisição da língua de sinais.

Os pesquisadores que estudam a aquisição da linguagem em crianças surdas adotam os seguintes estágios de aquisição da língua de sinais: período pré-lingüístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações e estágio de múltiplas combinações (Quadros, 1997; Woll, 1998).

O período pré-lingüístico é marcado pelo balbucio manual que é o refinamento do formato de mão, movimento e traços de localização. De acordo com Morgan (2008), o balbucio manual ocorre entre seis e doze

meses. A pesquisa de Karnopp (2002) constatou que o balbucio manual diminui quando a criança começa a produzir sinais mais lexicalizados, desaparecendo por volta de dois anos. No estudo de Petitto et al. (2001) foi observada a mudança do balbucio manual para o estágio de um sinal próximo dos dez meses.

O estágio de um sinal inicia a partir dos doze meses e se estende até os dois anos de idade (Quadros, 1997; Woll, 1998). Este dado corrobora o estudo de Anderson e Reily (2002) com crianças surdas usuárias da Língua de Sinais Americana.

O estágio das primeiras combinações, nas crianças surdas, ocorre a partir dos dois anos de idade (Quadros, 1997). De acordo com Morgan (2008), essas crianças realizam a combinação de dois sinais até o momento em que irão conseguir dominar a morfologia da sua língua.

O estágio de múltiplas combinações ocorre por volta dos dois anos e meio a três anos. Neste período o vocabulário se expande e as crianças surdas começam a combinar sinais com mais frequência e variação (Quadros, 1997; Morgan, 2008).

No estudo de Woll (1998) sobre os estágios de aquisição da Língua de Sinais Britânica foi observado o domínio pleno dos classificadores e dos verbos espaciais por volta dos nove anos de idade.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), existe um interesse crescente de diversos pesquisadores sobre a língua de sinais, pois o seu estudo pode proporcionar novas perspectivas sobre os determinantes da linguagem e o

processo de aquisição e desenvolvimento de uma língua, que apresenta particularidades em relação às línguas orais.

De acordo com Stokoe (1960), a diferença fundamental entre as línguas de sinais e as orais é a presença de ordem linear entre os fonemas das línguas orais e a estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais.

Devido ao fato de as línguas de sinais serem espaço-visuais, as relações gramaticais são especificadas pelo uso dos sinais no espaço (Liddell, 1995; Pereira, 2000; Guarinello, 2007).

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão em 24 de abril de 2002, por meio da Lei nº 10.436 regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (Brasil, 2002, 2005).

Este decreto dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular; a formação do professor e do instrutor de Libras; o emprego e divulgação da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação; a formação do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa; a garantia do direito à educação e à saúde das pessoas surdas; a função do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos no apoio ao uso e difusão da Libras (Brasil, 2005).

A Libras vem ganhando espaço na educação de surdos pelo fato de garantir o desenvolvimento da linguagem e favorecer o aprendizado da Língua Portuguesa Escrita como segunda língua (Quadros, 1997; Pereira,

2002). Esta declaração corrobora a literatura internacional que refere a relação significativa da competência linguística da língua de sinais como suporte para as habilidades de escrita de crianças surdas (Strong, Prinz, 1997; Williams, 1999, Rathmann et al., 2007).

Kyle (2001) menciona que, assim como as crianças ouvintes do Brasil estudam o Português nas escolas, as crianças surdas também deveriam ter um programa curricular para o estudo da Libras em todos os níveis da educação.

O estudo da língua de sinais pelos surdos favorece o desenvolvimento de sua consciência metalingüística (Rathmann et al., 2007) e contribui para a conscientização da distinção das regras da Libras e da Língua Portuguesa Escrita (Gesueli, 2006; Peixoto, 2006).

A pesquisa realizada por Cárnio et al. (2000) com crianças surdas e ouvintes na faixa etária de três a cinco anos comprova que, quando existe o uso funcional e fluente, seja na língua de sinais ou na língua oral, maior é a motivação para a realização de atividades de leitura e escrita, pois se torna mais fácil entender e comparar as regras e funcionamento de outra língua.

Em 2004, Lodi desenvolveu nove oficinas de leitura com sete surdos adultos de 21 a 32 anos, usuários da Libras e da Língua Portuguesa, que estudavam em classes regulares e apresentavam um grau de escolaridade variado. Todos frequentavam a Clínica de Fonoaudiologia da UNIMEP devido à dificuldade na leitura e escrita. O estudo teve por objetivo compreender as práticas de leitura utilizadas na interação com textos escritos em português por meio de interações discursivas em Libras. A

autora observou que a Libras foi um fator importante para os processos de leitura dos sujeitos, constituindo a base lingüística para a realização de uma leitura compreensiva e dialógica.

Infelizmente a Libras é adquirida tardiamente pelas crianças surdas devido ao fato de a maioria ter nascido de pais ouvintes, que usam o português oral e desconhecem a língua de sinais (Quadros, 1997; Caporali, Lacerda, Marques, 2005; São Paulo, 2005). Estes achados também foram encontrados no estudo de Harris (2001) onde foi constatado que as crianças surdas filhas de mães ouvintes têm uma exposição tardia e pobre à Língua de Sinais Britânica quando comparadas com crianças filhas de mães surdas.

De acordo com a literatura, a exposição tardia à língua de sinais, pode ocasionar o desenvolvimento incompleto da gramática desta língua (Bonvillian, 1997; Neville et al., 1997; Woll, 1998; Grimshaw et al., 1998; Colombo et al., 2002).

Pesquisa recente (Santana, 2007) questiona o período crítico para aquisição de linguagem como um fator de maturação definitivo. Argumenta que o meio ambiente e as interações influenciam a plasticidade neural, sendo que a motivação do indivíduo exerce papel fundamental em seu aprendizado. Souza (2009) ressalta que, para aprender outra língua e obter êxito na construção de significados, é necessário um grande envolvimento emocional, físico e intelectual do indivíduo.

Devido à falta de uma língua oral fluente na qual possam construir a escrita, as produções dos surdos sinalizadores são marcadas por aspectos

típicos da estrutura da língua de sinais (Góes, 1999), além de inadequações lingüísticas vivenciadas na língua oral (Ferreira, Cárnio, 1999).

De acordo com a literatura, a Libras é fundamental na aquisição da Língua Portuguesa Escrita pelos surdos (Quadros, 1997; Pereira, 2002). Desse modo, é indispensável que os profissionais que trabalham com a produção escrita destes indivíduos utilizem a Libras e conheçam a gramática desta língua, para que tenham subsídios para estimular a Língua Portuguesa Escrita (Crato e Cárnio, 2009). Do mesmo modo, é essencial que o surdo adquira a língua de sinais em um ambiente favorável, para que desenvolva habilidades metalingüísticas que favoreçam o aprendizado da língua escrita utilizada em seu país (Rathmann et al, 2007).

2.3 A classificação dos verbos e a marcação de tempo

2.3.1 Língua Portuguesa

A marcação de tempo na Língua Portuguesa é representada pela flexão verbal de tempo, podendo também ser utilizado advérbios e adjuntos adverbiais de tempo para modificar o verbo.

O verbo juntamente com o substantivo destacam-se como as duas mais importantes classes de palavras, pois compõem a base das frases (Cegalla, 2001).

No estudo de Skipp et al. (2002) foi constatado que a utilização dos verbos favorece o desenvolvimento gramatical da criança, pois possibilita a combinações de diversas palavras.

Segundo Bueno (1968), verbo é a palavra que manifesta ação, estado ou qualidade, em geral, de um sujeito. Tem papel fundamental na organização do período (Luft, 2000; Cegalla, 2001) e é a classe de palavras de maior riqueza formal (Macambira, 2001).

Na Língua Portuguesa o verbo é composto por três elementos: o radical, que é o elemento básico; a vogal temática, que liga o radical à terminação e caracteriza a conjugação; e a desinência, que é o elemento mórfico que indica modo e tempo (desinência modo-temporal) e pessoa e número (desinência número-pessoal) (Souza, Youssef, 1998).

O verbo apresenta variações de número, de pessoa, de modo, de tempo e de voz. A essas modificações dá-se o nome de flexão verbal (Cegalla, 2001).

A flexão de tempo indica o momento em que ocorre o fato expresso pelo verbo. Há três tempos no Português, são eles: o presente, o passado e o futuro, que expressam, respectivamente, um fato que ocorre no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala (Cunha, 1992; Nicola, 1999; Ryan, 2004).

Alguns estudiosos da Língua Portuguesa vem evidenciando o declínio no uso do tempo futuro sintético (exemplo: comerei) em detrimento da perífrase (exemplo: vou comer). O futuro perifrástico é constituído pelo presente do indicativo do verbo “ir” (flexionado em uma das pessoas do discurso) associado ao infinitivo do verbo principal (Cunha, Cintra, 1985; Cunha, 1992).

Cunha (1992) salienta que o futuro sintético é quase que exclusividade da língua escrita, enquanto a falada prefere fazer uso das formas perifrásticas.

Quanto à forma, os tempos podem ser classificados em simples, quando constituídos por um só verbo, e composto, quando constituído por um verbo no particípio acompanhado pelos verbos “ter” ou “haver” (Ryan, 2004).

O agrupamento das flexões verbais segundo uma ordem determinada constitui a conjugação (Sacconi, 1999; Cegalla, 2001).

Os verbos se reúnem em três conjugações, de acordo com a terminação do infinitivo. Os verbos da primeira conjugação terminam em “ar”, os da segunda conjugação terminam em “er” e os da terceira conjugação terminam em “ir”. Os verbos terminados em “pôr” e seus compostos pertencem à segunda conjugação, pois a forma primitiva latina destes verbos é terminada em “er” (exemplo: verbo: “pôr” - forma latina: “poer”). A língua portuguesa possui aproximadamente onze mil verbos, dos quais mais de dez mil são da primeira conjugação (Cegalla, 2001).

Quanto à conjugação, os verbos classificam-se em regulares, irregulares e defectivos. Os verbos regulares são os que não sofrem alteração em seu radical e cujas desinências são as mesmas do verbo modelo de sua conjugação. Os verbos irregulares são os que sofrem alterações em seu radical ou em suas desinências, afastando-se do modelo a que pertencem. Os verbos defectivos são os que não possuem a conjugação completa (Cegalla, 2001).

Miller e Fellbaum (1991) sugeriram um modelo hierárquico de verbos na língua inglesa que parte dos genéricos (exemplo: cortar) aos mais específicos (exemplo: recortar, picar, serrar). Em termos de aquisição os autores relatam que os verbos genéricos são mais básicos e adquiridos mais precocemente do que verbos específicos.

Na pesquisa de Barbosa (2005) foi analisado o uso de verbos e da categoria “tempo” na fala de crianças brasileiras entre dois e cinco anos de idade. A autora observou que por volta dos dois anos as crianças começam a empregar o verbo em seus enunciados, construindo estruturas simples,

compostas de sujeito, verbo e complemento. Os dados demonstraram que a interação com o meio lingüístico favorece a organização temporal e o uso dos verbos, assim como as estruturas oracionais se tornam mais complexas e coerentes.

Tonietto et al. (2008) estudaram o desenvolvimento da especificidade na aquisição de verbos em 146 crianças ouvintes matriculadas em pré-escolas particulares de Porto Alegre, de dois a seis anos de idade e em 75 adultos universitários, por meio de tarefa de nomeação de ações. As autoras analisaram a validade e especificidade das respostas e calcularam o escore de especificidade de cada participante, definido previamente a partir do julgamento de 79 juízes. De acordo com os dados da pesquisa o uso de verbos específicos aumentou significativamente com a idade, estando definitivamente presente no grupo de adultos. Os resultados sugerem que com a experiência e exposição à língua as crianças adquirem características semânticas mais complexas que possibilitam a utilização de verbos específicos.

Na Língua Portuguesa os verbos também podem ser classificados de acordo com sua predicação em: intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos e de ligação. Os verbos intransitivos têm sentido completo, não necessitando de complemento. Os verbos transitivos diretos têm sentido incompleto, necessitando de um complemento sem preposição. Os verbos transitivos indiretos também têm sentido incompleto, mas necessitam de um complemento com preposição. Os verbos transitivos diretos e indiretos utilizam dois complementos, um sem

preposição e outro com preposição. Os verbos de ligação entram na formação do predicado nominal, relacionando o predicativo com seu sujeito (Cegalla, 2001).

Befi-Lopes et al. (2007) analisaram a classificação dos verbos utilizados em situação de fala espontânea por meio de interação lúdica em sessenta pré-escolares em desenvolvimento normal de linguagem, de dois a quatro anos e onze meses, matriculados em creches do município de São Paulo. Os pré-escolares foram divididos nos seguintes grupos: dois anos a dois anos e onze meses (grupo 1), três anos a três anos e onze meses (grupo 2) e quatro anos a quatro anos e onze meses (grupo 3). Os dados demonstraram que o verbo de maior ocorrência em todos os grupos foi o intransitivo, sendo que nos grupos 1 e 2 o segundo mais freqüente foi o de ligação e no grupo 3 foi o transitivo direto.

Segundo Ryan (2004) os verbos também podem ser representados pelas formas nominais, que são compostas pelo infinitivo, gerúndio e particípio. As formas nominais não representam as flexões verbais de tempo e modo, expressam o fato de modo impreciso e vago e são assim chamadas por desempenharem funções de nomes, tais como: substantivos e adjetivos.

O infinitivo indica a ação, sem situá-la no tempo, desempenhando função semelhante ao substantivo. Pode apresentar flexão em pessoa, nesse caso é pessoal. Nos casos em que não se flexiona é chamado de impessoal. O gerúndio indica uma ação em andamento. O particípio indica uma ação finalizada, adquirindo uma função parecida com a de um adjetivo ou advérbio (Cegalla, 2001).

A extensa variedade semântica e gramatical dos verbos impede sua rápida generalização. Deste modo, sua aquisição ocorre de forma gradual e necessita que as crianças sejam expostas repetidamente ao mesmo verbo para aprenderem suas propriedades (Marshall, 2003).

2.3.2 Língua Brasileira de Sinais

A concordância verbal é uma área de desenvolvimento morfológico pesquisada em diversas línguas de sinais devido à sua importância na estrutura frasal.

O domínio da concordância verbal da língua de sinais é gradual e os tipos de erros que as crianças surdas cometem quando estão adquirindo esta língua demonstram que estão fazendo análise morfológica dos padrões de flexão, muito semelhante ao observado em indivíduos que estão adquirindo uma língua com morfologia verbal (Morgan, 2008).

No estudo de Woll (1998) sobre o desenvolvimento da língua de sinais a autora relata que os verbos na Língua de Sinais Britânica possuem uma terminologia específica e são divididos em três classes: verbos simples (não possuem flexão); verbos espaciais (possuem flexão de acordo com a localização do objeto, e da configuração das mãos) e verbos com concordância (possuem flexão de pessoa e número do sujeito e/ou objeto, sendo que a direção do movimento do verbo define as relações gramaticais da sentença).

No Brasil Ferreira-Brito (1995) dividiu os verbos da Libras em duas categorias: direcionais e não-direcionais.

Os verbos direcionais são caracterizados por manifestar as flexões para pessoa e número e apresentar um movimento no qual o ponto de partida é o sujeito e o ponto final o objeto do enunciado ou vice-versa. Assim, com a execução de um sinal transmite-se a informação sobre o

sujeito e o objeto. Esta incorporação do sujeito e do objeto no verbo equivaleria às flexões verbais da Língua Portuguesa (Ferreira-Brito, 1995).

Exemplo: verbo: ensinar

Frase na Língua Portuguesa: “Eu ensino para você”.

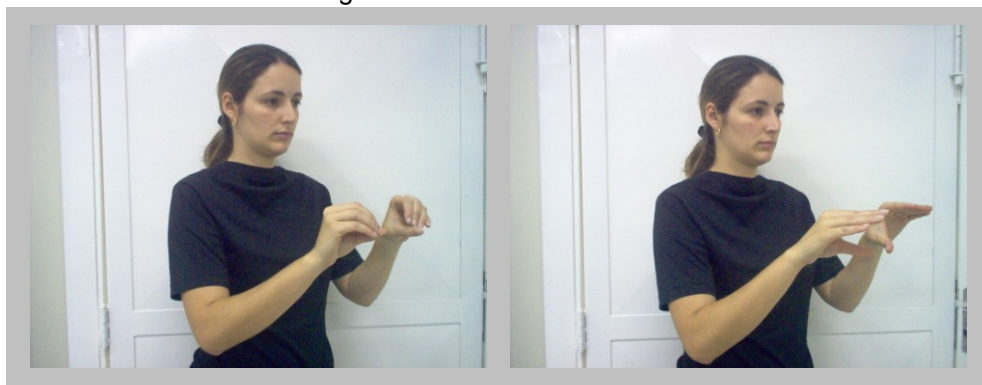
Frase na Libras: [1s ENSINAR 2s] (Figuras 1)

1s = 1ª pessoa do singular (eu)

2s = 2ª pessoa do singular (você)

Neste exemplo, o sinal parte de quem ensina em direção a quem é ensinado.

Figura 1 – Verbo: ENSINAR



A autora relata que os verbos não-direcionais dividem-se em três tipos:

1. Ancorados no corpo: são verbos nos quais os sinais são feitos em contato ou muito próximos do corpo. Estes verbos não são flexionados, portanto, o sujeito e o objeto são indicados.

Quadros (1997) relata que devido ao fato dos verbos ancorados no corpo apresentarem limitações lexicais e fonológicas para incorporar os pronomes, os usuários da Libras devem adquirir duas estratégias para

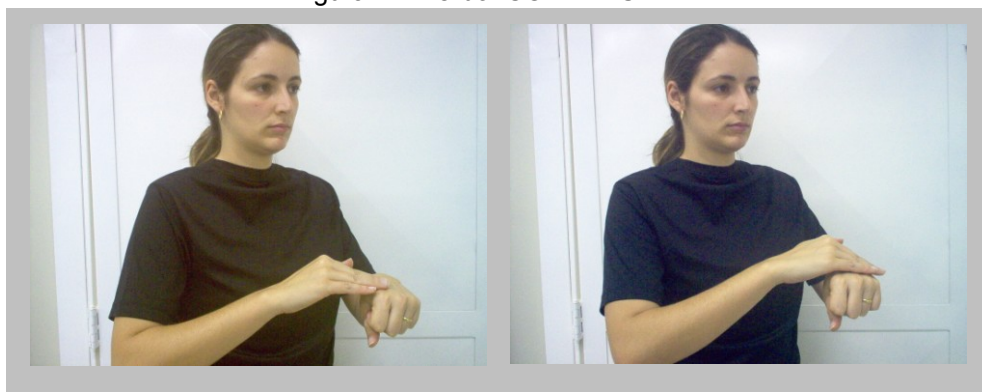
marcar as relações gramaticais: a ordem das palavras e a incorporação dos indicadores, que se dá por meio da aquisição do sistema pronominal.

Exemplo: verbo: conversar

Frase na Língua Portuguesa: “Ele conversa com ela”.

Frase na Libras: [ELE CONVERSAR ELA] (Figuras 2)

Figura 2 – Verbo: CONVERSAR



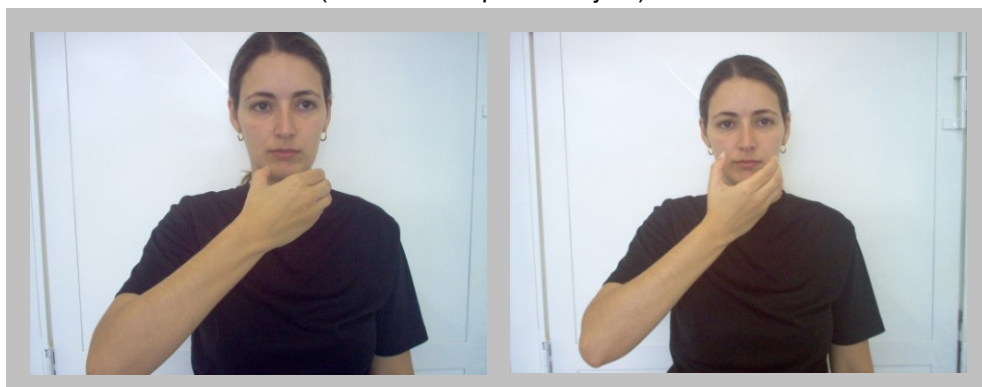
2. Que incorporam o objeto: ocorre a articulação simultânea do verbo e do objeto, ou seja, um único sinal traz informações a respeito do verbo e do objeto a que a ação se refere. Estes verbos possuem uma forma de citação específica (figura 3), mas quando incorporam o objeto, um ou mais parâmetros mudam em função das especificidades dos parâmetros do objeto incorporado (figura 4).

Exemplo: verbo: comer (Figura 3)

Frase na Língua Portuguesa: “Eu como maçã”.

Frase na Libras: [EU COMER-MAÇÃ] (Figura 4)

Figura 3 – Verbo: COMER (isolado)

Figura 4 – Verbo: COMER-MAÇÃ
(o verbo incorpora o objeto)

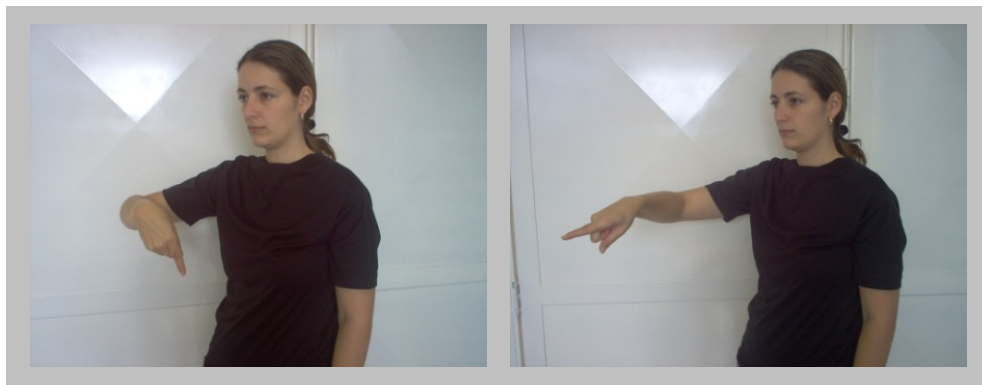
3. Que apresentam flexão com o sujeito ou com o objeto: estes verbos não possuem um movimento linear e flexionam com o sujeito ou com o objeto da oração.

Exemplo: verbo: ir (Figura 5)

Frase na Língua Portuguesa: “O carro vai”.

Frase na Libras: [CARRO IR] (Figura 6)

Figura 5 – Verbo: IR (isolado)

Figura 6 – Verbo: CARRO-IR
(o “CARRO” flexiona com o verbo IR)

Segundo Quadros (1997), na Libras os verbos flexionados são chamados de verbos com concordância e utilizam planos espaciais e pontos de articulação, que são considerados morfemas.

Em alguns verbos que apresentam concordância, é a orientação da palma da mão que indica o sujeito e o objeto da sentença. Este fato ocorre geralmente com verbos que usam as duas mãos (exemplo: verbo “ajudar”) (Quadros, 1997).

Quadros e Karnopp (2004) dividem os verbos na Libras em três classes:

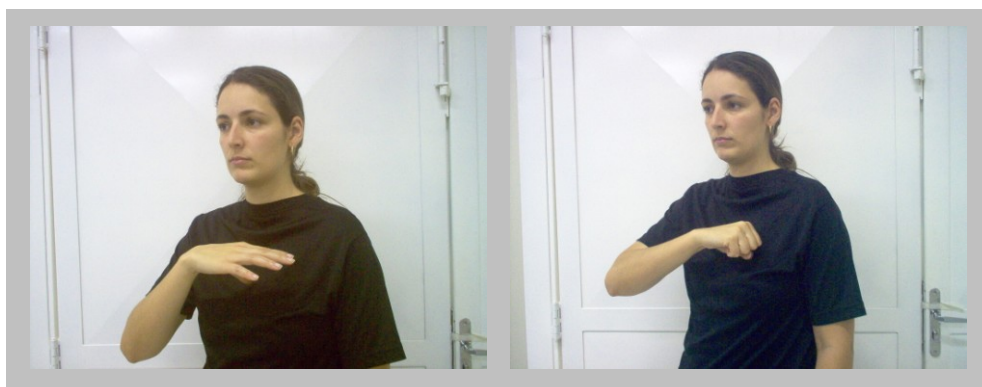
1. Simples: são verbos que não incorporam afixos locativos e não flexionam em pessoa e número, necessitando do movimento de apontar para indicar o sujeito.

Exemplo: verbo: amar

Frase na Língua Portuguesa: “Nós amamos você”

Frase na Libras: [NÓS AMAR VOCÊ] (Figura 7)

Figura 7 – Verbo: AMAR



2. Com concordância: são verbos que não incorporam afixos locativos e se flexionam em pessoa, número e aspecto (diz respeito à forma do sinal e a duração do movimento), por meio da orientação das mãos, que indica o ponto de partida (quem faz a ação) e o ponto de chegada (quem sofre a ação) do verbo.

Exemplo: verbo: responder

Frase na Língua Portuguesa: “Eu respondo para você”.

Frase na Libras: [_{1s} RESPONDER _{2s}] (Figura 8)

1s = 1ª pessoa do singular (eu)

2s = 2ª pessoa do singular (você)

Neste exemplo, o sinal parte de quem emite a resposta em direção a quem recebe a resposta.

Figura 8 – Verbo: RESPONDER



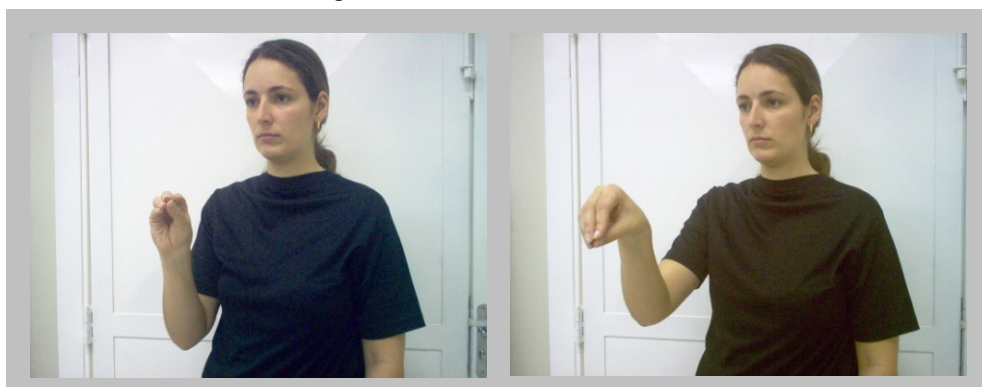
3. Espaciais: são verbos que têm afixos locativos e apresentam um ponto de partida (sujeito que faz a ação) e um ponto de chegada (local).

Exemplo: verbo: colocar

Frase na Língua Portuguesa: “Eu coloco a borracha na mesa”.

Frase na Libras: [MESA BORRACHA EU COLOCAR] (Figura 9)

Figura 9 – Verbo: COLOCAR



Felipe (2005) explica que, quando se faz uma frase com os verbos que não possuem marca de concordância, é como se eles ficassem no infinitivo. Estes não se alteram, mesmo com a mudança das pessoas do discurso. Os que possuem marca de concordância verbal podem ser classificados em:

1. Número e pessoa: utilizam o parâmetro de orientação das mãos para marcar as pessoas do discurso, sendo que o ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto. Deste modo, não é necessária a utilização dos pronomes pessoais para identificar as pessoas do discurso.

Exemplo: verbo: perguntar

Frase na Língua Portuguesa: “Eu pergunto a você”.

Frase na Libras: [_{1s} PERGUNTAR _{2s}] (Figura 10)

1s = 1ª pessoa do singular (eu)

2s = 2ª pessoa do singular (você)

Neste exemplo, o sinal parte de quem pergunta em direção a quem recebe a pergunta.

Figura 10 – Verbo: PERGUNTAR



2. Gênero e número: são chamados de *classificadores*, pois concordam com o sujeito ou o objeto da frase, e utilizam o parâmetro de configuração de mão para concordar com a pessoa, coisa, animal ou veículo.

Exemplo: verbo: CAIR

Frase na Língua Portuguesa: “A pessoa cai”.

“O copo cai”.

Frase na Libras: [pessoaCAIR] (Figura 11)

[copoCAIR] (Figura 12)

Figura 11 – Verbo: pessoaCAIR



Figura 12 – Verbo: copoCAIR



3. Lugar: utilizam o parâmetro de ponto de articulação para marcar a localização inicial ou final de uma pessoa, coisa, animal ou veículo.

Exemplo: verbo: operar

Frase na Língua Portuguesa: “Operar o coração”

“Operar a cabeça”

Frase na Libras: [CORAÇÃO-OPERAR] (Figura 13)

[CABEÇA-OPERAR] (Figura 14)

Figura 13 – Verbo: CORAÇÃO OPERAR

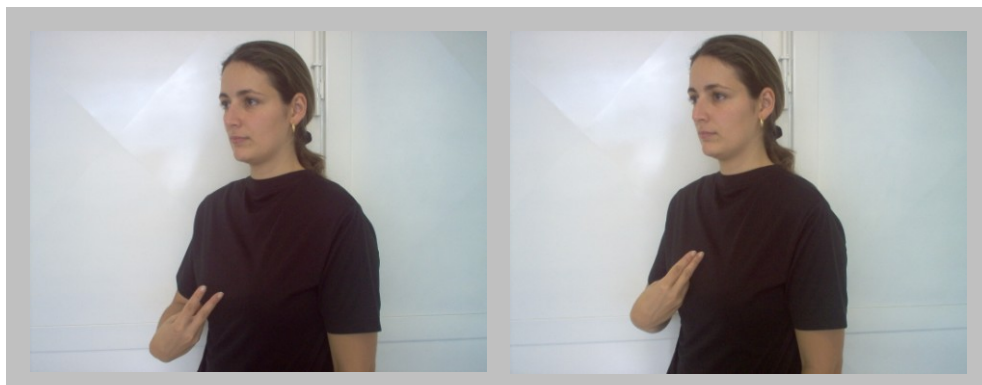


Figura 14 – Verbo: CABEÇA OPERAR



Na Libras, assim como em outras línguas de sinais, a marcação de tempo está codificado por meio de processos flexionais no verbo. Existem marcadores de tempo não verbais e recursos para indicar a progressão ou repetição do acontecimento (Salles et al., 2004; Felipe, 2005; Burman et al., 2007).

De acordo com Ferreira-Brito (1995), o tempo na Libras é expresso por meio de locativos temporais. Pode-se ter a indicação de passado pelo sinal “ANO PASSADO” ou por meio de um item lexical que indica o tempo passado, por exemplo, em “ONTEM” e “ANTEONTEM”, acompanhando o verbo. O presente pode ser configurado pelo sinal de “HOJE” e “AGORA”. O futuro pode ser indicado pelo sinal de “AMANHÃ” e “DAQUI A MUITO TEMPO”.

Segundo Felipe (2005), na Libras, a indicação de tempo está representada por advérbios de tempo que indicam se a ação ocorreu no passado, está ocorrendo no presente ou irá ocorrer no futuro. Quando a frase não tiver um advérbio de tempo específico, pode-se utilizar o sinal “PASSADO” para frases no tempo passado e o sinal de “FUTURO” para frases no futuro. As frases no presente geralmente não apresentam nenhuma especificação temporal.

Na Inglaterra diversos pesquisadores estudaram os estágios de aquisição da Língua de Sinais Britânica com crianças surdas que foram expostas a esta língua na infância (Harris et al., 1989; Kyle, Ackerman, 1990; Woll, 1998). Em relação à aquisição dos verbos, Woll (1998) e Sutton-Spence e Woll (1999) relataram que os verbos simples aparecem no léxico da

criança entre um ano e seis meses a um ano e onze meses. Entre dois anos e dois anos e cinco meses é observado o uso de verbos com concordância sendo produzidos na forma de citação, como ocorre com os verbos simples. A primeira aparição dos verbos espaciais é observada entre dois anos e seis meses e dois anos e onze meses, mas são realizados freqüentemente com erro na localização do objeto ou na configuração das mãos. Entre três anos e seis meses a três anos e onze meses ocorre a aparição dos movimentos coordenados dos verbos com concordância. O domínio pleno dos verbos espaciais é notado a partir dos nove anos de idade.

Morgan et al. (2002) analisaram a morfologia da concordância verbal na Língua de Sinais Britânica por meio da descrição de quarenta desenhos em trinta crianças surdas sinalizadoras com idade entre três e doze anos. Os resultados evidenciaram que as crianças mais novas foram capazes de usar os verbos simples, porém somente as crianças maiores de seis anos de idade tiveram êxito na produção dos verbos com flexão.

Estudos sobre a morfologia da concordância verbal na Língua de Sinais Americana revelam que crianças surdas expostas a esta língua desde o seu nascimento usam os verbos pela primeira vez em forma de citação, ou seja, não utilizam o espaço para propósitos gramaticais (Kantor, 1980; Meier, 2002).

Quadros (1995) analisou a concordância verbal em crianças surdas filhas de pais surdos durante conversas espontâneas e recontagem de história. A autora observou o uso de verbos com concordância com referentes presentes nas crianças de três anos e meio. Nesta idade a

utilização de referentes ausentes no contexto do discurso ocorreu de forma inconsistente, pois a identidade dos locais referidos não foi identificada de forma consistente. A partir dos cinco anos e meio foi observada consistência no uso dos verbos com concordância. Apesar deste fato, Quadros observou que em alguns momentos as crianças utilizaram os verbos com concordância acompanhados do sujeito, com o objetivo de tornar mais evidente a identificação do local ao qual estava se referindo.

Diante do exposto observa-se a complexidade das línguas de sinais e suas particularidades em relação à classificação dos verbos e da marcação de tempo, por ser um língua de modalidade espaço-visual.

2.4 O uso de verbos na produção escrita de surdos brasileiros

Pesquisas internacionais sobre a produção escrita de surdos apontam a flexão verbal como um aspecto muito difícil para os mesmos (Fabretti, 1998; Wilbur, 2000; Jenny et al., 2004; Wolbers, 2008).

No Brasil existe escassez de estudos que fornecem informações sobre o uso de verbos na produção escrita de surdos.

Em 1988, Gesueli relatou dentre as características dos textos elaborados por crianças surdas em processo de alfabetização o uso predominante de nomes em seus enunciados que, por vezes, substituíam verbos.

Góes (1999) realizou um estudo sobre a produção escrita de estudantes surdos do ensino fundamental, entre 14 e 26 anos, que freqüentavam duas classes de supletivo, cujas interações em sala de aula baseavam-se em práticas de comunicação total (composta de elementos da Língua Portuguesa oral e de sinais). A autora fez observações da dinâmica do trabalho pedagógico em sala de aula e coletou textos dos estudantes para análise qualitativa. Os textos analisados foram produzidos em atividade coletiva na qual os estudantes podiam solicitar a ajuda da professora. Dentre as características dos textos produzidos pelos estudantes surdos, Góes apontou a ocorrência de terminações verbais não correspondentes à pessoa verbal, inconsistência do tempo e modo verbal caracterizada, principalmente, pela alternância inadequada do tempo presente e passado, terminações incorretas para tempo e pessoa do verbo, uso inadequado ou

omissão de preposição e flexão inadequada de gênero em adjetivos e artigos.

Fernandes (2003) realizou análise lingüística da produção escrita de quarenta sujeitos surdos usuários da língua de sinais, com mais de dezoito anos de idade e escolaridade mínima de quarta série do ensino fundamental. As atividades de escrita abrangiam completar frases, inserir preposições em frases, redigir bilhetes, responder questionários, compreender e reproduzir textos. A autora realizou análise qualitativa e quantitativa das atividades que revelaram limitação do léxico, falta de domínio das estruturas de coordenação e subordinação e dificuldade no uso de preposições e conjunções. Em relação ao uso dos verbos foi constatado pelas atividades realizadas que, embora esta classe gramatical possa apresentar-se lexicalmente correta nas produções dos sujeitos, não há domínio dos tempos e pessoas no processo da construção frasal. A autora observou o predomínio dos tempos presente, pretérito perfeito e infinitivo, seguidos do pretérito imperfeito e gerúndio, nas produções da amostra estudada. Fernandes constatou que a compreensão de texto e a produção escrita dos sujeitos evoluem com o aumento da escolaridade.

Gonçalo (2004) avaliou a produção escrita de dez estudantes surdos, de 19 a 28 anos, que se comunicavam preferencialmente por meio da língua de sinais, matriculados no último ano do Ensino Médio ou que já tinham concluído este nível escolar, mediante uma prova de redação retirada do Exame Nacional do Ensino Médio de 2001. A autora realizou uma análise qualitativa das produções dos sujeitos na qual foi verificada dificuldade na

concordância verbal, principalmente quanto à pessoa do verbo, na formação de gênero e plural e no uso de conectivos. Entretanto, de acordo com os dados da pesquisa, os sujeitos apresentaram baixa ocorrência de inconsistência de tempo verbal, de ordenação não convencional dos elementos na frase e de ambigüidade no uso de elementos de referencialidade, sugerindo que estas dificuldades, geralmente encontradas em produções escritas de surdos com nível de escolaridade inferior ao Ensino Médio, parecem ser superadas com o avanço da escolaridade.

Pereira (São Paulo, 2005) analisou as produções de textos de um estudante surdo de quinze anos, usuário da língua de sinais, matriculado em escola estadual de São Paulo, com o objetivo de observar seu desenvolvimento da escrita. A autora verificou a presença de frases simples, com ausência de elementos de ligação, como conjunções e preposições, e verbos sem flexões ou ausentes nas produções iniciais do surdo, o que sugere pouco domínio do português. À medida que foi ampliando seu conhecimento da Língua Portuguesa observou-se seqüência temporal nas narrativas e o uso de verbos no pretérito, indicando o início de uma construção textual.

Em 2009, Crato e Cárnio avaliaram a flexão verbal de tempo na produção escrita de frases de vinte e dois sujeitos com perda auditiva severa a profunda bilateral usuários da Libras, com idade entre 14 e 24 anos e escolaridade de terceira a sétima série do ensino fundamental. Os dados evidenciaram o predomínio dos verbos na forma nominal do infinitivo na elaboração das frases de quinze sujeitos. Quatro participantes flexionaram

os verbos na segunda pessoa do singular do tempo presente. Apenas três sujeitos fizeram uso da flexão verbal nos tempos passado, presente e futuro, com os verbos flexionados no pretérito perfeito, presente e futuro do presente, do modo indicativo. Destes sujeitos um estava matriculado na sexta série e dois estavam cursando a sétima série do ensino fundamental.

As pesquisas de Fernandes (2003), Gonçalo (2004), Pereira (São Paulo, 2005) e Crato e Cárnio (2009) sugerem que com o avanço da escolaridade e conseqüentemente ampliação do conhecimento da Língua Portuguesa pelo surdo a dificuldade no uso da flexão verbal de tempo é diminuída.

3 MÉTODOS

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sob protocolo número 0708/07 (Anexo A-1), conforme resolução 196/96 da Comissão Nacional de Ética e Pesquisa (CONEP). A banca de qualificação sugeriu alteração do título da pesquisa que foi modificado e dado ciência deste fato à referida comissão (Anexo A-2).

Optou-se pela realização de uma pesquisa avaliativa e mista (com tratamento dos dados de forma qualitativa e quantitativa) com a finalidade de se obter um conjunto de dados complementares que possibilitassem a discussão de aspectos específicos da Língua Portuguesa Escrita como segunda língua para os surdos.

3.1 Caracterização da instituição onde foi realizada a pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma instituição pública municipal do interior de São Paulo, cuja missão é diagnosticar, tratar, habilitar e reabilitar indivíduos com distúrbios da comunicação, independente da faixa etária.

A instituição é composta pelos setores de linguagem, voz, motricidade oral, audiologia e reabilitação auditiva, conforme ilustra a Figura 15.

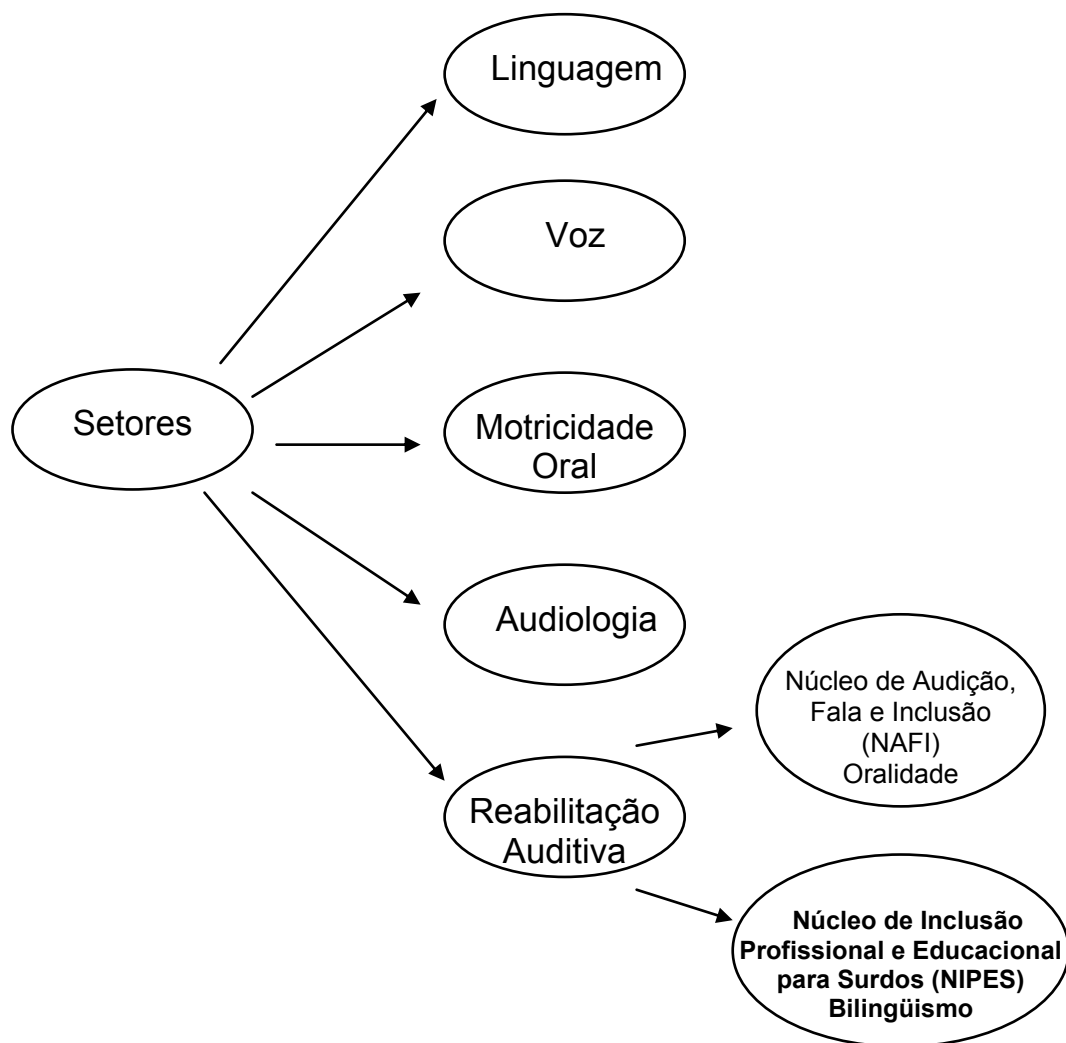


Figura 15 - Organograma dos setores de atendimento da Instituição

A equipe do setor de reabilitação auditiva é formada por otorrinolaringologista, fonoaudiólogas, pedagogas especializadas, psicopedagoga, professora de Expressão Corporal, instrutores de Libras, psicólogo, assistente social e terapeuta ocupacional.

Os atendimentos fonoaudiológico, psicológico e terapêutico ocupacional são oferecidos para os indivíduos de até 14 anos de idade. Os atendimentos pedagógicos e psicopedagógicos são oferecidos para os estudantes que estão matriculados no Ensino Fundamental e Médio. Os demais atendimentos são realizados de acordo com a necessidade dos sujeitos. Além disso, os pacientes maiores de 14 anos participam do Programa de Orientação Profissional, que os auxilia em assuntos referentes ao futuro profissional e independência financeira.

O setor de reabilitação auditiva é composto por dois núcleos: Núcleo de Audição, Fala e Inclusão (NAFI) e Núcleo de Inclusão Profissional e Educacional para Surdos (NIPES).

O NAFI oferece atendimento aos indivíduos com perda auditiva leve a moderada e tem o objetivo de desenvolver as habilidades auditivas do indivíduo, propiciando o melhor aproveitamento da audição residual e favorecendo a aquisição da língua oral.

O NIPES atende indivíduos com perda auditiva severa a profunda e tem o objetivo de favorecer a aquisição da Língua Portuguesa escrita e oral, quando possível, utilização e valorização da Libras e inserção do surdo no mercado de trabalho.

3.2 Participantes

3.2.1 Seleção da amostra

Para a seleção dos participantes, foi realizado o levantamento dos prontuários dos indivíduos do NIPES, que atendessem aos critérios de inclusão, a saber:

- faixa etária de 15 a 23 anos, independente do gênero;
- perda auditiva neurossensorial de grau profundo bilateral (média de 500, 1000 e 2000 Hz maior que 91 dBNA) congênita ou adquirida antes de um ano de idade;
- língua de sinais como modalidade de comunicação preferencial, com o tempo de exposição mínima de quatro anos. Apesar do tempo de exposição a uma língua não ser garantia de qualidade da sua aquisição resolveu-se incluir na pesquisa os indivíduos com exposição mínima a língua de sinais de quatro anos para equalizar a amostra.
- matriculado em sala regular de escola pública;
- nível de escolaridade variando da 3^a a 6^a série do Ensino Fundamental;
- filho(a) de pais ouvintes;
- sem comprometimentos associados à surdez.

Na época da coleta de dados, noventa e oito surdos estavam inscritos no setor de reabilitação auditiva, porém dezoito (18,4%) deles preencheram todos os critérios de inclusão deste estudo.

3.2.2 Caracterização dos Participantes

Os participantes da pesquisa apresentaram uma trajetória escolar semelhante, pois estudaram na mesma escola especial de uma cidade do interior de São Paulo, durante seis anos ou mais.

Até 2001 esta escola adotou a abordagem oralista. Neste período os participantes foram submetidos a práticas de ensino-aprendizagem que tratavam a língua escrita como dependente da fala. Todos freqüentaram terapias fonoaudiológicas e atendimentos pedagógicos na escola especial.

Em 2002 esta escola contratou um surdo como instrutor de Libras, contudo, os sinais eram utilizados apenas como apoio na aquisição da modalidade oral do português, caracterizando a comunicação total.

Em 2005, todos os surdos desta pesquisa foram transferidos para diferentes escolas regulares. Os sujeitos relataram que os professores utilizavam apenas a comunicação oral para se comunicarem com os alunos e não havia um intérprete da Libras em sala de aula.

Concomitantemente, os surdos começaram a frequentar o NIPES, para atendimento pedagógico especializado, aulas de Libras e orientação para o trabalho.

A variação no tempo de escolaridade, de nove a dezoito anos, observado na Tabela 1, pode ser explicada pelos relatos de repetência de todos os sujeitos.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa

SUJEITOS	SEXO	IDADE (ANOS)	SÉRIE	TEMPO DE PERMANÊNCIA (ANOS)		TEMPO DE ESCOLARIDADE (ANOS)
				Escola Especial	Escola Regular	
1	M	15	3ª EF	7	2	9
2	F	15	3ª EF	9	2	11
3	M	16	3ª EF	9	3	12
4	M	19	3ª EF	10	2	12
5	F	17	4ª EF	9	2	11
6	M	18	4ª EF	11	2	13
7	M	19	4ª EF	8	5	13
8	M	22	4ª EF	10	5	15
9	M	22	4ª EF	13	2	15
10	M	15	5ª EF	6	4	10
11	M	15	5ª EF	6	4	10
12	M	16	5ª EF	7	3	10
13	M	17	5ª EF	7	4	11
14	M	19	6ª EF	7	4	11
15	M	19	6ª EF	8	5	13
16	F	20	6ª EF	13	2	15
17	F	21	6ª EF	12	5	17
18	F	23	6ª EF	16	2	18
Médias	-	18 anos e 2 meses	-	9 anos e 3 meses	3 anos e 2 meses	12 anos e 6 meses

Legenda:
 EF: Ensino Fundamental
 F: feminino
 M: masculino

Os participantes da pesquisa aprenderam a Libras entre nove e dezesseis anos (Tabela 2). Todos relataram que tiveram acesso à Libras na escola especial, sendo que quatro participantes informaram que aprenderam esta língua com um amigo surdo e os demais com professores ouvintes. Este dado pode ser justificado pelo fato de os sujeitos serem filhos de pais ouvintes que desconhecem a língua de sinais e terem freqüentado uma escola especial que adotou a abordagem oralista até 2001.

Tabela 2 – Caracterização da trajetória lingüística dos participantes

SUJEITO	IDADE QUE APRENDEU A LIBRAS (ANOS)	COM QUEM APRENDEU A UTILIZAR A LIBRAS	TEMPO DE UTILIZAÇÃO DA LIBRAS (ANOS)
1	11	Professor ouvinte	4
2	9	Professor ouvinte	6
3	12	Professor ouvinte	4
4	13	Professor ouvinte	6
5	11	Professor ouvinte	6
6	12	Professor ouvinte	6
7	15	Professor ouvinte	4
8	16	Professor ouvinte	6
9	16	Professor ouvinte	6
10	10	professor ouvinte	5
11	11	professor ouvinte	4
12	10	surdo	6
13	11	professor ouvinte	6
14	13	professor ouvinte	6
15	10	surdo	9
16	13	surdo	7
17	12	professor ouvinte	9
18	14	surdo	9
Médias	12 anos e 2 meses	-	6 anos

3.3 Materiais e Equipamentos

Para atingir os objetivos do estudo foram utilizados os seguintes materiais e equipamentos:

- Questionário sobre a Trajetória Lingüística e Escolar de Estudantes Surdos (Crato, Cárnio, 2007). Adaptado de Ciboto e Cárnio, 2004. Protocolo de uso restrito desta pesquisa. Contém questões referentes à trajetória lingüística e escolar dos surdos, a fim de caracterizar a amostra (Anexo B).
- Audiômetro Amplaid 309 de dois canais com cabina acusticamente tratada, para realização da avaliação audiológica.
- Caderno Ilustrado de Verbos: um recurso pedagógico para o desenvolvimento da Língua Portuguesa (Quintano, Cárnio, 2005).

Os verbos utilizados para avaliação da escrita e da Libras foram retirados do referido caderno. Este material contém trinta e duas cartelas composta de frente (com imagem lúdica e expressiva do verbo em preto e branco) e verso (com um quadro da flexão do verbo) (Anexo C). Para a seleção dos verbos utilizados na avaliação, procurou-se evitar aqueles nos quais o sinal correspondente na Libras fosse igual ou semelhante ao substantivo, como por exemplo, o sinal de “DIRIGIR” e “CARRO”. Além disso, foram selecionados verbos que se enquadrassem na classificação de Quadros e Karnopp (2004) em verbos simples, ou seja, que não incorporam afixos locativos e necessitam do movimento de apontar para indicar o sujeito. Em relação ao português, foram escolhidos verbos regulares e dissílabos, segundo os critérios da Gramática da Língua Portuguesa (Neto, Infante, 2003). Deste modo, foram selecionados os seguintes verbos para a

avaliação: beber, comer, correr, fechar, jogar, limpar, nadar, pintar e pular. A descrição dos sinais referentes aos nove verbos utilizados na avaliação encontra-se no anexo D e foi baseado no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira (Capovilla, Raphael, 2001a,b).

- Filmadora digital da Sony, modelo DCR-HC26 e fitas de vídeo, para registrar as avaliações.

3.4 Procedimentos

Os participantes ou seus responsáveis (no caso de adolescentes) foram esclarecidos e convidados a participar da pesquisa. Uma vez acordado, os sujeitos ou seus responsáveis assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo E).

Após a assinatura do mesmo foram realizados os procedimentos abaixo especificados individualmente em uma sala iluminada e silenciosa da instituição mencionada no item 3.1.

3.4.1 Questionário sobre a trajetória lingüística e escolar

Todas as perguntas foram feitas pela pesquisadora executante por meio da Libras. As respostas dos sujeitos foram anotadas no questionário pela mesma.

3.4.2 Audiometria tonal limiar

Os resultados da avaliação audiométrica foram obtidos via levantamento dos prontuários na instituição, para seleção dos sujeitos. Ressalta-se que as avaliações foram atualizadas, pois os participantes foram submetidos à nova avaliação audiológica (audiometria tonal limiar) nas frequências de 250 a 8000 Hz para via aérea e 500 a 4000 Hz para via óssea, para garantir o mesmo procedimento e mesma época de realização do exame.

3.4.3 Avaliação da escrita e da Libras

Inicialmente foram apresentadas aos participantes as ilustrações das cartelas de verbos selecionados e solicitada a realização do sinal correspondente a cada verbo, na Libras, para que fosse garantido o real entendimento dos verbos.

Após esta atividade, os participantes foram instruídos a escrever o nome do verbo e elaborar três frases escritas, sendo respectivamente uma no tempo passado, uma no presente e uma no futuro. Neste momento não foram especificados o número, pessoa, modo e voz dos verbos.

Em seguida, os participantes foram instruídos a realizar uma frase no tempo passado, uma no presente e uma no futuro, com cada verbo apresentado, na Libras.

Todas as instruções da avaliação foram transmitidas pela pesquisadora por meio da Libras.

Foi utilizada uma câmera posicionada ao lado da mesa onde estava sendo realizada a avaliação, num ângulo de 100 a 120 graus do participante, para visualizar os sinais e possibilitar uma análise qualitativa criteriosa.

Para a realização das avaliações da flexão verbal de tempo na Língua Portuguesa Escrita e dos marcadores de tempo da Libras foram despendidos em média 24 minutos para cada participante.

As gravações foram transcritas pela pesquisadora executante, despendendo cerca de 80 horas no total. Os registros foram categorizados qualitativa e quantitativamente.

3.5 Critérios para a análise dos resultados

3.5.1 Análise das avaliações dos marcadores utilizados para indicar o tempo nas produções das frases em Libras

A Libras é uma língua de modalidade visuo-espacial. Portanto, para que as relações espaciais fossem, dentro do possível, contempladas nos registros escritos, as transcrições foram realizadas de acordo com os critérios propostos por Felipe (2005) (Anexo F).

Após as transcrições das produções das frases em Libras foi realizada uma classificação dos marcadores de tempo utilizados pelos sujeitos de modo a identificar os marcadores mais freqüentes e realizar a análise estatística destes dados.

Os marcadores de tempo utilizados nas produções das frases em Libras foram categorizados em:

- **Contexto**: refere-se à contextualização que o sujeito realizou para marcar o tempo da frase. Por exemplo, na frase “EU CRIANÇA SÓ MÃE LIMPAR”, a palavra “criança” faz referência a um tempo passado.
- **Advérbio de tempo**: refere-se a uma categoria gramatical invariável que modifica o sentido do verbo, adjetivo ou outro advérbio, atribuindo-lhes uma circunstância de tempo. Por exemplo: agora, já, antes, depois, hoje, ontem, amanhã.
- **Adjunto adverbial de tempo**: refere-se à função sintática da palavra ou da expressão que serve para modificar ou intensificar o sentido do verbo, do

predicativo ou de outro adjunto adverbial, atribuindo-lhe uma circunstância de tempo. Por exemplo: as palavras “passado” e “futuro” podem ser utilizadas para marcar o tempo da frase.

As frases foram analisadas e consideradas:

- **Adequadas**: Quando os sujeitos utilizaram marcadores apropriados ao tempo solicitado pela pesquisadora na produção das frases.
- **Inadequadas** : Quando os sujeitos utilizaram marcadores diferentes do esperado para marcar o tempo solicitado pela pesquisadora na produção das frases ou não utilizaram marcadores de tempo.
- **Não elaborou a frase**: Quando os sujeitos não realizaram as produções das frases solicitadas pela pesquisadora.

É importante esclarecer que as frases do presente que não utilizaram marcadores de tempo foram consideradas adequadas, pois segundo Felipe (2005) na Libras a referência ao presente não possui indicação temporal.

Um instrutor surdo da FENEIS foi convidado a analisar as filmagens das avaliações das frases produzidas em Libras de 27,7% da amostra (5 sujeitos sorteados aleatoriamente) para que pudesse verificar se o tempo das frases estava de acordo com o solicitado pela pesquisadora e identificar os marcadores de tempo utilizados pelos surdos.

O instrutor realizou a análise das frases em Libras por meio do preenchimento de um protocolo (Anexo G), para que fosse posteriormente medido o grau de concordância da avaliação dos marcadores de tempo da Libras identificados por ele e pela pesquisadora executante.

3.5.2 Análise das avaliações das flexões verbais e dos marcadores de tempo nas produções das frases na Língua Portuguesa Escrita

Para a análise da classificação dos tempos verbais utilizados nas produções escritas buscou-se auxílio na Gramática da Língua Portuguesa (Neto, Infante, 2003).

Os autores dividem os tempos verbais em:

- **Presente:** indica a ocorrência de um fato no momento em que se fala. O tempo presente divide-se no modo indicativo (exemplo: Eu *bebo* água) e subjuntivo (exemplo: Eles esperam que eu *beba* o suco de laranja).

- **Pretérito:** indica a ocorrência de um fato antes do momento em que se fala. O tempo pretérito é dividido em:

- *Pretérito perfeito do indicativo:* indica uma ocorrência sucedida totalmente no passado (exemplo: Eu *bebi* refrigerante).

- *Pretérito imperfeito do indicativo:* indica uma ocorrência iniciada no passado e ainda não concluída (exemplo: Ela comia pão, quando eu *bebia* café).

- *Pretérito mais-que-perfeito do indicativo:* indica a ocorrência de um fato no passado, iniciado antes de outro, também no passado (exemplo: Eu já bebera um litro de água morna quando a vi servindo refrigerante gelado).

- *Pretérito imperfeito do subjuntivo:* indica uma ação que talvez tenha acontecido (exemplo: Duvidaram que eu *bebesse* o suco).

- **Futuro**: indica a ocorrência futura de um fato que ainda não aconteceu no momento em que se fala. O tempo futuro é dividido em:

- *Futuro do presente do indicativo*: indica um fato que irá ocorrer com certeza (exemplo: Eu *beberei* chá amanhã).

- *Futuro do pretérito do indicativo*: indica um fato que ainda irá se concretizar, relacionado com um do passado (exemplo: Eu garanti que *beberia* dois litros de água).

- *Futuro do subjuntivo*: indica uma ocorrência que talvez se concretize no futuro (exemplo: Posso beber o que quiser).

As frases foram consideradas:

- **Adequadas**: Quando os sujeitos flexionaram o verbo de acordo com o tempo solicitado pela pesquisadora.

- **Inadequadas**: Quando os sujeitos não flexionaram o verbo de acordo com o tempo solicitado pela pesquisadora.

- **Não elaborou a frase**: Quando os sujeitos não realizaram as produções das frases solicitadas pela pesquisadora.

Para a classificação dos marcadores de tempo utilizados nas produções escritas, foram analisados os elementos lingüísticos das frases que transmitiram a idéia de tempo, tais como: advérbios de tempo e adjuntos adverbiais.

3.5.3 Análise estatística

Com o objetivo de medir o grau de concordância da avaliação das frases em Libras realizada pela pesquisadora e pelo instrutor de Libras, foi utilizado o Índice de Concordância de Kappa. Para interpretação dos resultados da Concordância entre as avaliações considerou-se a seguinte divisão: Kappa menor que 20% = desprezível; de 21 a 40% = mínimo; de 41 a 60% = regular; de 61 a 80% = bom; acima de 81% = ótimo.

Os dados relativos ao desempenho dos sujeitos na produção das frases expressas em Libras e na Língua Portuguesa Escrita; o uso dos marcadores de tempo empregado na produção das frases; a série escolar; a idade dos sujeitos; o tempo de escolaridade, o tempo de utilização da Libras; com quem aprendeu a usar a Libras e a idade em que aprendeu a Libras, também passaram por tratamento estatístico.

Os dados foram analisados por meio de testes e técnicas estatísticas não paramétricas. Foram utilizados os seguintes testes: Igualdade de Duas Proporções, Teste de Wilcoxon, Teste de Mann-Whitney e Correlação de Spearman.

Por questão de quantidade amostral foi realizado um agrupamento das 3^{as} e 4^{as} e das 5^{as} e 6^{as} séries, a fim de se obter uma melhor análise.

Foi adotado um nível de significância de 0,05 (5%), e todos os intervalos de confiança construídos ao longo do trabalho foram feitos com 95% de confiança estatística.

4 RESULTADOS

Antes de dar início aos resultados da avaliação das frases expressas na Libras, serão apresentadas as Tabelas 3 e 4, as quais ilustram as medidas do índice de concordância entre a avaliação da pesquisadora e do instrutor de Libras em relação ao tempo das frases e dos marcadores utilizados para indicar o tempo, respectivamente.

Tabela 3 - Concordância entre a pesquisadora e o instrutor de Libras em relação ao tempo das frases

CONCORDÂNCIA KAPPA	
Porcentagem	84,5%
p-valor	<0,001*

Legenda:

*: p-valores considerados estatisticamente significantes

Nível de significância : $p \leq 0.05$

Tabela 4 - Concordância entre a pesquisadora e o instrutor de Libras em relação aos marcadores utilizados para indicar o tempo

CONCORDÂNCIA KAPPA	
Porcentagem	95,9%
p-valor	<0,001*

Legenda:

*: p-valores considerados estatisticamente significantes

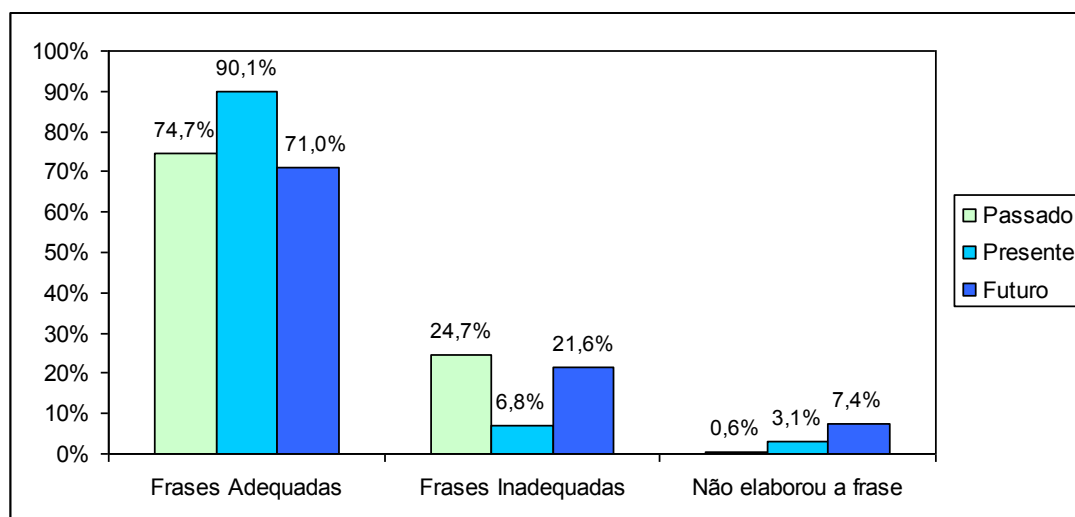
Nível de significância : $p \leq 0.05$

Observa-se que os índices de kappa foram estatisticamente significantes e considerados ótimos (acima de 81%), demonstrando que houve concordância entre o instrutor surdo e a pesquisadora. Dessa forma, os resultados que serão apresentados no presente item foram analisados somente pela pesquisadora.

4.1 Avaliação dos marcadores utilizados para indicar o tempo das frases expressas em Libras

Os resultados sobre a adequação das frases expressas em Libras, nos tempos: passado, presente e futuro indicam que os sujeitos apresentaram melhor desempenho nas frases do presente, em relação ao passado e ao futuro (Gráfico 1).

Gráfico 1- Comparação entre as frases expressas em Libras nos tempos: passado, presente e futuro



Na comparação entre o desempenho dos sujeitos na produção das frases expressas em Libras por meio do teste de Igualdade de Duas Proporções verificou-se diferença estatística significativa entre o passado e presente e entre o presente e futuro (Tabela 5).

Tabela 5 - Comparação entre o desempenho dos sujeitos na produção das frases expressas em Libras nos tempos: passado, presente e futuro

FRASES EM LIBRAS	PASSADO	PRESENTE
Presente	<0,001*	-
Futuro	0,454	<0,001*

Legenda:

*: p-valores considerados estatisticamente significantes

Nível de significância : $p \leq 0.05$

A distribuição dos marcadores de tempo utilizados pelos sujeitos nas frases expressas em Libras no passado, presente e futuro está exposta respectivamente nos Quadros 1,2 e 3.

Nota-se que os sujeitos produziram cento e vinte e uma frases (74,7%) adequadas no passado, sendo que o marcador de tempo utilizado com maior frequência foi o adjunto adverbial (33,33%), seguido do contexto (24,7%) e do advérbio de tempo (16,7%) (Quadro1).

Quadro 1 - Distribuição dos marcadores de tempo utilizados na produção das frases expressas em Libras no passado por sujeito

SUJEITOS	FRASES ADEQUADAS						FRASES INADEQUADAS		NÃO ELABOROU A FRASE			
	Marcadores de tempo						Ausência de marcadores de tempo	Erro no uso de marcadores de tempo				
	Contexto	Advérbio de tempo	Adjunto Adverbial									
1	3	-	-	-	-	6	-	-	-			
2	1	6	2	-	-	-	-	-	-			
3	-	-	9	-	-	-	-	-	-			
4	-	3	6	-	-	-	-	-	-			
5	5	2	2	-	-	-	-	-	-			
6	3	-	-	5	1	-	-	-	-			
7	8	-	-	1	-	-	-	-	-			
8	2	5	1	1	-	-	-	-	-			
9	1	-	4	4	-	-	-	-	-			
10	1	-	-	7	1	-	-	-	-			
11	-	-	-	8	-	-	-	-	1			
12	5	-	4	-	-	-	-	-	-			
13	3	5	1	-	-	-	-	-	-			
14	5	-	4	-	-	-	-	-	-			
15	2	-	6	1	-	-	-	-	-			
16	-	-	4	5	-	-	-	-	-			
17	-	2	7	-	-	-	-	-	-			
18	1	4	4	-	-	-	-	-	-			
TOTAL	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
N=162	40	24,7	27	16,7	54	33,3	38	23,5	2	1,2	1	0,6

Legenda:

N: Número de frases

O adjunto adverbial utilizado nas frases expressas em Libras foi representado pelo sinal de “PASSADO” (Exemplo: Sujeito 3 – “PASSADO EU IR PASSEAR NADAR”).

Os marcadores de tempo utilizados pelos sujeitos categorizados em contexto nas frases do passado foram representados pelos sinais de “EU CRIANÇA” (Exemplo: Sujeito 5 – “EU CRIANÇA SEMPRE EU SEMPRE NADAR MUIT@ GOSTOS@”) ou pelo encadeamento do discurso referente ao passado (Exemplo: Sujeito 1 – “EU GORD@ CORRER EMAGRECER MAGR@ BO@”).

Os advérbios de tempo utilizados para marcação do passado foram representados pelos sinais de “ANTIGAMENTE” (Exemplo: Sujeito 13 – “ANTIGAMENTE EU NADAR SEMPRE”) usado em quinze frases (55,6%), “JÁ” (Exemplo: Sujeito 4 – “GARRAFA EU JÁ BEBER SATISFEIT@”) usado em seis frases (22,2%), “ONTEM” (Exemplo: Sujeito 13 – “ONTEM COMER FEIJÃO ARROZ BO@ GOSTOS@”) usado em quatro frases (14,8%) e “ANTES” (Exemplo: Sujeito 17 – “ANTES HOMEM JOGAR+ ACABAR NOITE ACABAR”) usado em duas frases (7,4%).

Nas frases do passado houve a presença de quarenta produções (24,7%) inadequadas, sendo trinta e oito (23,5%) devido à ausência de marcador (Exemplo: Sujeito 11 - “EU NAVIO PINTAR”) e duas (1,2%) que foram expressas no tempo futuro (Exemplo: Sujeito 10 – “FUTURO NADAR AFOGAR”).

Apenas o sujeito 11 não elaborou a frase com o verbo nadar no tempo passado.

No tempo presente os sujeitos produziram cento e quarenta e seis frases (90,1%) adequadas, sendo utilizados advérbios de tempo (48,8%) e ausência de marcador (41,3%)(Quadro 2).

Quadro 2 - Distribuição dos marcadores de tempo utilizados na produção das frases expressas em Libras no presente por sujeito

SUJEITOS	FRASES ADEQUADAS								FRASES INADEQUADAS		Não elaborou a frase	
	Marcadores de tempo						Ausência de marcadores de tempo		Erro no uso de marcadores de tempo			
	Contexto		Advérbio de tempo		Adjunto Adverbial							
1	-	-	1	-	-	-	6	-	-	-	2	
2	-	-	5	-	-	-	3	1	-	-	-	
3	-	-	7	-	-	-	2	-	-	-	-	
4	-	-	7	-	-	-	2	-	-	-	-	
5	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-	-	
6	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-	-	
7	-	-	-	-	-	-	2	7	-	-	-	
8	-	-	7	-	-	-	2	-	-	-	-	
9	-	-	1	-	-	-	7	1	-	-	-	
10	-	-	1	-	-	-	6	2	-	-	-	
11	-	-	1	-	-	-	5	-	-	-	3	
12	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	
13	-	-	6	-	-	-	3	-	-	-	-	
14	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	
15	-	-	3	-	-	-	6	-	-	-	-	
16	-	-	4	-	-	-	5	-	-	-	-	
17	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	
18	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	
TOTAL	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
N=162	0	0	79	48,8	0	0	67	41,3	11	6,8	5	3,1

Legenda:

N: Número de frases

Como foi esclarecido nos critérios de análise, as frases do presente com ausência de marcadores de tempo foram consideradas corretas, pois de acordo com Felipe (2005) na Libras a referência ao presente não possui indicação temporal (Exemplo: Sujeito 5 - “CORRER MAGR@ BONIT@ O-K”).

Os advérbios de tempo utilizados para marcação do presente foram representados pelos sinais de “AGORA” (Exemplo: Sujeito 2 – “EU AGORA TRABALHAR GUARDAR LIMPAR ARRUMAR SOZINH@ TUD@”) usado em setenta e duas frases (91,1%) e “HOJE” (Exemplo: Sujeito 9 – “HOJE CORDA-PULAR POUC@ MAIS-OU-MENOS ACABAR”) usado em sete frases (8,9%).

Nas frases do presente houve onze (6,8%) produções inadequadas, sendo dez expressas no tempo futuro (90,9%) (Exemplo: Sujeito - “DEPOIS DE-NOVO MACARRÃO COMER”) e uma (9,1%) no passado (Exemplo: Sujeito 2 – “ANTIGAMENTE EU NADAR SABER-NÃO PROFESSOR_{2s}ENSINAR_{1s} EU APRENDER”).

O sujeito 1 não elaborou as frases com os verbos fechar e pular e o sujeito 11 não elaborou as frases com os verbos fechar, nadar e pular do tempo presente.

No tempo futuro os sujeitos produziram cento e quinze frases (71%) adequadas, sendo que o marcador de tempo utilizado com maior frequência foi o adjunto adverbial (39,5%), seguido do contexto (18,5%) e do advérbio de tempo (13%) (Quadro 3).

Quadro 3 - Distribuição dos marcadores de tempo utilizados na produção das frases expressas em Libras no futuro por sujeito

SUJEITOS	FRASES ADEQUADAS						FRASES INADEQUADAS				NÃO ELABOROU A FRASE	
	Marcadores de tempo						Ausência de marcadores de tempo	Erro no uso de marcadores de tempo				
	Contexto	Advérbio de tempo	Adjunto Adverbial									
1	1	-	-				2	1		5		
2	-	-	8				1	-		-		
3	2	-	7				-	-		-		
4	1	1	7				-	-		-		
5	2	-	7				-	-		-		
6	1	-	7				1	-		-		
7	2	4	1				1	1		-		
8	-	-	3				3	-		3		
9	2	-	-				7	-		-		
10	-	1	2				4	2		-		
11	1	-	-				4	-		4		
12	7	1	1				-	-		-		
13	4	-	5				-	-		-		
14	3	-	5				1	-		-		
15	3	1	3				2	-		-		
16	-	1	3				5	-		-		
17	-	6	3				-	-		-		
18	1	6	2				-	-		-		
TOTAL	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
N=162	30	18,5	21	13	64	39,5	31	19,1	4	2,5	12	7,4

Legenda:

N: Número de frases

O adjunto adverbial utilizado nas frases expressas em Libras foi representado pelo sinal de “FUTURO” (Exemplo: Sujeito 3 – “FUTURO PEGAR GARRAFA COCA-COLA coisa redonda COLOCAR BEBER”).

Os marcadores de tempo utilizados pelos sujeitos categorizados em contexto nas frases do futuro foram representados pelos sinais de “EU VELH@” (Exemplo: Sujeito 14 – “EU CORRER FRAC@ VELH@”) ou pelo encadeamento do discurso referente ao futuro (Exemplo: Sujeito 3 – “FILH@ VIDEOGAME JOGAR DAR”).

Os advérbios de tempo utilizados para marcação do futuro foram representados pelos sinais de “DEPOIS” (Exemplo: Sujeito 17 – “DEPOIS AMIG@ JUNT@ JOGAR DEPOIS”) usado em treze frases (61,9%) e

“AMANHÃ” (Exemplo: Sujeito 18 – “AMANHÃ BRINCAR CORDA-PULAR”) usado em oito frases (38,1%).

Nas frases do futuro houve a presença de trinta e cinco (21,6%) produções inadequadas, sendo trinta e uma (19,1%) devido à ausência de marcador (Exemplo: Sujeito 9 - “PARECE TUD@ LIMPO TUD@ LIMPO SUJ@ NÃO LIMPAR SEMPRE”) e quatro (2,5%) que foram expressas no tempo passado (Exemplo: Sujeito 10 – “PINTAR ANTIGAMENTE ACABAR”).

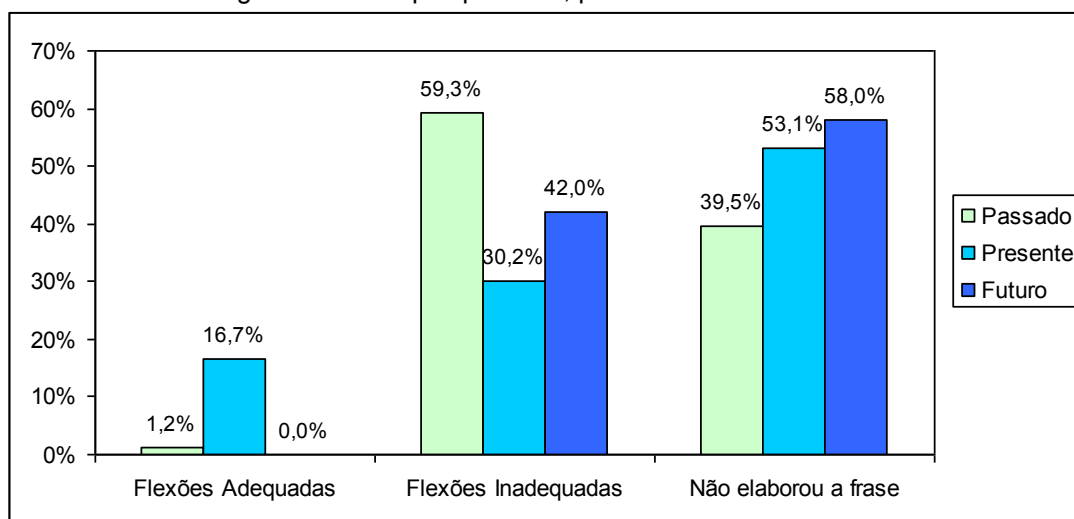
O sujeito 1 não elaborou as frases do futuro com os verbos beber, comer, fechar, jogar, e nadar. O sujeito 8 não elaborou as frases com os verbos correr, limpar e pular e o sujeito 11 não elaborou as frases com os verbos fechar, nadar, pintar e pular.

Apenas os sujeitos 3, 4, 5, 12, 13, 17 e 18 elaboraram adequadamente todas as frases em Libras solicitadas pela avaliadora nos tempos: passado, presente e futuro (Quadros 1, 2 e 3). Este dado demonstra que estes indivíduos apresentam maior conhecimento da Libras.

4.2 Avaliação da flexão verbal e dos marcadores de tempo nas produções das frases escritas

Os resultados da avaliação da flexão verbal de tempo das frases escritas nos tempos: passado, presente e futuro, estão expostos no Gráfico 2. Observa-se que os sujeitos apresentaram melhor desempenho na flexão verbal do tempo presente, em relação ao passado e ao futuro.

Gráfico 2: Comparação entre as flexões verbais de tempo nas frases escritas na Língua Portuguesa nos tempos passado, presente e futuro



Nos Quadros 4, 5 e 6 estão expostos os resultados da flexão verbal de tempo utilizado pelos sujeitos nas frases escritas no passado, presente e futuro, respectivamente.

Nota-se que, no tempo passado apenas um sujeito (Sujeito 16) produziu duas frases (1,2%) com os verbos flexionados corretamente (Exemplos: “Eu comeu passado” e “Minha amiga correu passado”), sendo utilizado o pretérito perfeito do modo indicativo acompanhado do adjunto

adverbial “passado” (Quadro 4). As demais frases deste tempo foram elaboradas com o verbo no presente e no infinito. Este sujeito também elaborou as frases escritas com os verbos “comer” e “correr” do presente e do futuro no pretérito perfeito do modo indicativo, seguidos respectivamente dos marcadores de tempo “hoje” e “futuro” (Quadros 5 e 6). Este sujeito apresenta um tempo de escolaridade de quinze anos e está matriculado em série mais avançada (6ª série do Ensino Fundamental) quando comparada com os demais surdos da pesquisa (Tabela 1).

Quadro 4 - Distribuição da flexão verbal de tempo utilizada pelos sujeitos nas frases escritas no passado

SUJEITOS	FRASES ADEQUADAS		FRASES INADEQUADAS				NÃO ELABOROU A FRASE			
	Verbo flexionado no passado		Verbo flexionado no presente		Verbo flexionado no futuro				Verbo na forma nominal do Infinitivo	
1	-		3		-		3		3	
2	-		-		-		5		4	
3	-		1		-		3		5	
4	-		-		-		4		5	
5	-		-		-		8		1	
6	-		-		-		5		4	
7	-		2		-		2		5	
8	-		2		-		-		7	
9	-		2		-		6		1	
10	-		1		-		2		6	
11	-		1		-		6		2	
12	-		-		-		5*		4	
13	-		3		-		2		4	
14	-		6		-		3		-	
15	-		7		-		2		-	
16	2*		1*		-		4*		2	
17	-		4*		-		-		5	
18	-		-		-		3*		6	
TOTAL	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
N=162	2	1,2	33	20,4	0	0	63	38,9	64	39,5

Legenda:

*: A frase apresenta marcador de tempo relativo ao passado

N: Número de frases

Dentre as frases com inadequação da flexão verbal do tempo passado houve a presença de 33 frases com a flexão verbal do presente do modo

indicativo (Exemplo: Sujeito 15 – “O homem pinta cavalo”) e 63 frases com o verbo na forma nominal do infinitivo (Exemplo: Sujeito 5 – “Eu vontade nadar”).

Das 162 frases solicitadas no tempo passado na avaliação da escrita 39,5% não foram elaboradas.

Observa-se que nas frases do tempo presente houve 27 flexões verbais corretas (Exemplo: Sujeito 14 – “Ele fecha porta”). Todos os sujeitos que produziram as frases no tempo presente flexionaram os verbos na terceira pessoa do singular do modo indicativo, apesar de utilizarem o pronome “eu” na maioria das frases (Exemplo: Sujeito 10 – “Eu bebe de cai”) (Quadro 5).

Quadro 5 - Distribuição da flexão verbal de tempo utilizada pelos sujeitos nas frases escritas no presente

SUJEITOS	FRASES ADEQUADAS		FRASES INADEQUADAS				NÃO ELABOROU A FRASE			
	Verbo flexionado no presente		Verbo flexionado no passado		Verbo flexionado no futuro		Verbo na forma nominal do Infinitivo			
1	-		-		-		1		8	
2	-		-		-		5		4	
3	-		-		-		1		8	
4	-		-		-		4		5	
5	-		-		-		8		1	
6	-		-		-		5		4	
7	-		-		-		-		9	
8	-		-		-		-		9	
9	2		-		-		6		1	
10	3		-		-		-		6	
11	-		-		-		-		9	
12	-		-		-		4*		5	
13	3		-		-		2		4	
14	6		-		-		3		-	
15	7		-		-		2		-	
16	2*		2*		-		3*		2	
17	4*		-		-		-		5	
18	-		-		-		3*		6	
TOTAL	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
N=162	27	16,7	2	1,2	0	0	47	29	86	53,1

Legenda:

*: A frase apresenta marcador de tempo relativo ao presente

N: Número de frases

Dentre as frases com inadequação da flexão verbal do tempo presente houve a ocorrência de 47 frases com o verbo na forma nominal do infinitivo (Exemplo: Sujeito 2 – “Eu limpar com esta com menina limpar”) e duas frases com o verbo flexionado no passado (Sujeito 16).

Das 162 frases solicitadas no tempo presente na avaliação da escrita 53,1% não foram elaboradas.

Nas frases do tempo futuro nenhum dos sujeitos realizou a flexão verbal de tempo corretamente. Dentre as frases com inadequação da flexão verbal houve a presença de 41 frases com o verbo na forma nominal do infinitivo (Exemplo: Sujeito 6 – “Ele jogar bola”), 25 frases com a flexão verbal do presente do modo indicativo (Exemplo: Sujeito 14 – “Eu limpa casa”) e 2 frases com a flexão verbal do pretérito perfeito do modo indicativo (Quadro 6).

Quadro 6 - Distribuição da flexão verbal de tempo utilizada pelos sujeitos nas frases escritas no futuro

SUJEITOS	FRASES ADEQUADAS		FRASES INADEQUADAS				NÃO ELABOROU A FRASE			
	Verbo flexionado no futuro		Verbo flexionado no passado	Verbo flexionado no presente		Verbo na forma nominal do Infinitivo				
1	-	-	-	-	-	-	9			
2	-	-	-	-	-	5	4			
3	-	-	-	-	-	1	8			
4	-	-	-	-	-	4	5			
5	-	-	-	-	-	7	2			
6	-	-	-	-	-	4	5			
7	-	-	-	-	-	-	9			
8	-	-	-	-	-	-	9			
9	-	-	-	-	2	1	6			
10	-	-	-	-	2	1	6			
11	-	-	-	-	-	-	9			
12	-	-	-	-	-	4*	5			
13	-	-	-	-	3	2	4			
14	-	-	-	-	6	3	-			
15	-	-	-	-	7	2	-			
16	-	-	2*	-	1*	4*	2			
17	-	-	-	-	4*	-	5			
18	-	-	-	-	-	3*	6			
TOTAL	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
N=162	0	0	2	1,2	25	15,5	41	25,3	94	58

Legenda:

*: A frase apresenta marcador de tempo relativo ao futuro

N: Número de frases

Das 162 frases solicitadas no tempo futuro na avaliação da escrita 58% não foram elaboradas.

Observa-se que apenas os sujeitos 14 e 15 produziram todas as frases escritas contendo os verbos solicitados pela pesquisadora, demonstrando que apresentam um vocabulário melhor que os demais surdos da pesquisa (Quadros 4, 5 e 6). Apesar deste fato, estes participantes flexionaram respectivamente seis e sete verbos no presente do modo indicativo na elaboração das frases dos três tempos solicitados. As demais frases produzidas por estes indivíduos foram escritas com o verbo na forma nominal do infinitivo. Estes indivíduos têm 19 anos de idade, estão

matriculados na 6ª série do Ensino Fundamental e apresentam um déficit menor em relação à idade e série escolar que os outros sujeitos que estão cursando a mesma série (Tabela 1).

Os sujeitos 7, 8 e 11 não produziram nenhuma frase nos tempos presente e futuro e relataram para pesquisadora que sabiam escrever apenas uma frase com cada verbo. Nota-se que nenhuma das frases produzidas por estes indivíduos apresenta a flexão verbal de tempo adequada (Quadros 4, 5 e 6).

Os sujeitos 2, 4, 5, e 6 escreveram o verbo na forma nominal do infinitivo em todas as frases que elaboraram, não utilizaram nenhum marcador de tempo e questionaram a pesquisadora sobre o motivo de produzir três frases, pois podiam ser todas iguais. Isso demonstra o desconhecimento dos sujeitos sobre a importância da marcação de tempo na frase. Estes sujeitos estão matriculados na 3ª (Sujeito 2 e 4) e 4ª (sujeitos 5 e 6) séries do Ensino Fundamental, tem entre onze e treze anos de escolaridade, utilizam a Libras há seis anos e relataram que aprenderam esta língua com professores ouvintes.

O teste de Wilcoxon foi aplicado para comparar a flexão verbal de tempo nas produções das frases escritas no passado, presente e futuro (Tabela 6).

Tabela 6– Comparação entre as flexões verbais de tempo utilizadas pelos sujeitos nas produções das frases escritas nos tempos passado, presente e futuro

FLEXÃO VERBAL	PASSADO	PRESENTE
Presente	0,027*	
Futuro	0,317	0,018*

Legenda:

*: p-valores considerados estatisticamente significantes

Nível de significância: $p \leq 0.05$

Nota-se que houve diferença estatisticamente significativa entre o tempo presente e os demais.

Para comparar os sujeitos de séries escolares diferentes em relação a seus desempenhos no uso de flexões verbais dos tempos passado e presente foi utilizado o teste de Mann-Whitney (Tabela 7). As flexões verbais do tempo futuro não foram incluídas nesta análise, pois nenhum dos sujeitos flexionou adequadamente os verbos na elaboração das frases deste tempo.

Tabela 7 – Comparação entre os sujeitos das diferentes séries escolares e seus desempenhos no uso das flexões verbais dos tempos passado e presente

SÉRIE VS FLEXÃO VERBAL DE TEMPO	PASSADO		PRESENTE	
	3ª e 4ª	5ª e 6ª	3ª e 4ª	5ª e 6ª
Média	0,00	0,22	0,22	2,78
Mediana	0	0	0	3
Desvio Padrão	0,00	0,67	0,67	2,59
Q1	0	0	0	0
Q3	0	0	0	4
N	9	9	9	9
IC	- x -	0,44	0,44	1,69
p-valor	0,317		0,012*	

Legenda:

*: p-valores considerados estatisticamente significantes

IC: Intervalo de Confiança

N: Número de sujeitos

Nível de significância: $p \leq 0.05$

Q1: 1º quartil que mostra a distribuição até 25% da amostra

Q3: 3º quartil que mostra a distribuição até 75% da amostra

-x-: Não foi possível utilizar cálculo estatístico

Observa-se que somente na flexão verbal do tempo presente é que existiu diferença estatisticamente significativa entre as séries escolares, onde se nota que os sujeitos de 5ª e 6ª séries utilizam mais freqüentemente a flexão verbal do tempo presente do que os sujeitos de 3ª e 4ª séries.

Nota-se pelos Quadros 4, 5 e 6 que os sujeitos 12, 16, 17 e 18 utilizaram marcadores de tempo na produção das frases da Língua Portuguesa Escrita para suprir a ausência ou dificuldade no uso da flexão

verbal de tempo. Os sujeitos 16, 17 e 18 estão matriculados na 6ª série do Ensino Fundamental e apresentam um tempo de escolaridade de quinze a dezoito anos, sendo que permaneceram entre doze e dezesseis anos na escola especial. O sujeito 12 está matriculado na 5ª série e apresenta um tempo de escolaridade de dez anos, sendo que permaneceu sete anos na escola especial (Tabela 1). Observa-se que o sujeito 12 apresenta um déficit menor em relação à idade e série escolar do que os sujeitos que permaneceram um período maior de tempo na escola especial.

Na produção escrita das frases do passado o sujeito 12 utilizou o advérbio de tempo “antes” (Exemplo: “Antes ver comer banana”). Os sujeitos 16, 17 e 18 utilizaram o adjunto adverbial “passado” para marcar o tempo em todas as frases que produziram no passado (Exemplo: Sujeito 18 “Eu passado nadar”).

Nas frases do presente os quatro sujeitos utilizaram o advérbio de tempo “hoje” (Exemplo: Sujeito 18 - “Nós hoje pessoas nadar”).

Nas frases do futuro o sujeito 12 utilizou o advérbio de tempo “depois” (Exemplo: “Depois comer maçã uva”) em duas frases e o adjunto adverbial “futuro” (Exemplo: “Futuro ubatuba nadar passear beijo em e legal”) nas outras duas frases que produziu. Os sujeitos 16, 17 e 18 utilizaram o adjunto adverbial “futuro” na elaboração de todas as frases que produziram no tempo futuro (Exemplo: Sujeito 17 - “Futuro nada muito gosto de legal”)

Para comparar o uso dos marcadores de tempo utilizados nas frases da Língua Portuguesa Escrita com as séries escolares foi utilizado o teste de Mann-Whitney (Tabela 8).

Tabela 8 - Comparação entre os marcadores de tempo utilizados nas frases da Língua Portuguesa nos tempos passado, presente e futuro com as séries escolares

MARCADORES DE TEMPO VS SÉRIES	PASSADO		PRESENTE		FUTURO	
	3 ^a e 4 ^a	5 ^a e 6 ^a	3 ^a e 4 ^a	5 ^a e 6 ^a	3 ^a e 4 ^a	5 ^a e 6 ^a
Média	0,00	2,11	0,00	2,00	0,00	2,00
Mediana	0	0	0	0	0	0
Desvio Padrão	0,00	2,71	0,00	2,60	0,00	2,60
Q1	0	0	0	0	0	0
Q3	0	4	0	4	0	4
N	9	9	9	9	9	9
IC	- x -	1,77	- x -	1,70	- x -	1,70
p-valor	0,029*		0,029*		0,029*	

Legenda:

*: p-valores considerados estatisticamente significantes

IC: Intervalo de Confiança

N: Número de sujeitos

Nível de significância: $p \leq 0.05$

Q1: 1º quartil que mostra a distribuição até 25% da amostra

Q3: 3º quartil que mostra a distribuição até 75% da amostra

Conclui-se que em todos os tempos, existe diferença estatisticamente significativa entre as séries escolares e os marcadores de tempo utilizados nas frases escritas, onde se pode averiguar que os melhores resultados ocorreram nos sujeitos de 5^a e 6^a séries.

Para avaliar o grau de relação entre os marcadores de tempo do passado, presente e futuro, utilizados pelos sujeitos 12, 16, 17 e 18 nas frases da Língua Portuguesa Escrita com as variáveis: idade cronológica dos sujeitos; idade em que aprenderam a Libras; tempo de utilização da Libras e tempo de escolaridade, foi usado o teste de Correlação de Spearman (Tabela 9).

Tabela 9 - Correlação dos marcadores de tempo do passado, presente e futuro utilizados nas frases da Língua Portuguesa Escrita pelos sujeitos 12, 16, 17 e 18 com variáveis quantitativas

MARCADORES DE TEMPO UTILIZADOS NAS FRASES		PASSADO	PRESENTE	FUTURO
Idade	Correlação	34,3%	35,7%	35,7%
	p-valor	0,163	0,145	0,145
Idade que aprendeu a Libras	Correlação	5,9%	6,9%	6,9%
	p-valor	0,817	0,786	0,786
Tempo de utilização da Libras	Correlação	55,7%	56,8%	56,8%
	p-valor	0,016*	0,014*	0,014*
Tempo de escolaridade	Correlação	35,4%	37,5%	37,5%
	p-valor	0,149	0,126	0,126

Legenda:

*: p-valores considerados estatisticamente significantes

Nível de significância: $p \leq 0.05$

Nota-se que existe uma correlação estatisticamente significativa entre o uso dos marcadores de tempo da Língua Portuguesa Escrita em todos os tempos (passado, presente e futuro) com os anos de utilização da Libras pelos sujeitos.

O teste de Mann-Whitney também foi aplicado para se fazer uma comparação entre os marcadores de tempo utilizados nas frases da Língua Portuguesa Escrita elaboradas no passado, presente e futuro com a categoria “com quem aprendeu a usar a Libras” (Tabela 10).

Tabela 10 - Comparação entre a categoria com quem aprendeu a usar a Libras com os marcadores de tempo utilizados nas frases escritas

MARCADORES DE TEMPO DA LÍNGUA PORTUGUESA	PASSADO		PRESENTE		FUTURO	
	Professor ouvinte	Surdo	Professor ouvinte	Surdo	Professor ouvinte	Surdo
Média	0,29	3,75	0,29	3,50	0,29	3,50
Mediana	0	4	0	3,5	0	3,5
Desvio Padrão	1,07	2,99	1,07	2,89	1,07	2,89
Q1	0	2,25	0	2,25	0	2,25
Q3	0	5,5	0	4,75	0	4,75
N	14	4	14	4	14	4
IC	0,56	2,93	0,56	2,83	0,56	2,83
p-valor	0,004*		0,006*		0,006*	

Legenda:

*: p-valores considerados estatisticamente significantes

IC: Intervalo de Confiança

N: Número de sujeitos

Nível de significância : $p \leq 0.05$

Q1: 1º quartil que mostra a distribuição até 25% da amostra

Q3: 3º quartil que mostra a distribuição até 75% da amostra

Verifica-se que nos três tempos verbais houve uma diferença estatística significativa no desempenho dos sujeitos na utilização de marcadores de tempo empregados na elaboração das frases na Língua Portuguesa Escrita quando foi um surdo que ensinou a usar a Libras.

Na aplicação do questionário sobre a trajetória lingüística e escolar, todos os sujeitos da pesquisa relataram dificuldade na leitura e na escrita. Em relação à leitura, os participantes referiram dificuldade de compreensão e quanto à escrita, 55,6% dos sujeitos mencionaram dificuldade no vocabulário, 27,7% relataram dificuldade na sintaxe e 16,7% referiram dificuldades em ambas.

4.3 Comparação entre as produções das frases em Libras e na Língua Portuguesa Escrita

A comparação do desempenho dos surdos na produção das frases em Libras e na Língua Portuguesa Escrita foi analisada por meio do teste de Wilcoxon (Tabela 11).

Tabela 11 – Comparação entre o desempenho dos sujeitos na produção das frases escritas na Língua Portuguesa e das frases expressas em Libras nos tempos passado, presente e futuro

FRASES DA LPE VS FRASES DA LIBRAS	FRASES NO PASSADO		FRASES NO PRESENTE		FRASES NO FUTURO	
	LPE	Libras	LPE	Libras	LPE	Libras
Média	0,11	6,72	1,50	8,11	0,00	6,39
Mediana	0	8,5	0	9	0	8
Desvio Padrão	0,47	3,14	2,26	1,78	0,00	3,09
Q1	0	4,25	0	8	0	3,25
Q3	0	9	2,75	9	0	9
N	18	18	18	18	18	18
IC	0,22	1,45	1,04	0,82	- x -	1,43
p-valor		<0,001*		<0,001*		<0,001*

Legenda:

*: p-valores considerados estatisticamente significantes

IC: Intervalo de Confiança

LPE: Língua Portuguesa Escrita

N: Número de sujeitos

Nível de significância: $p \leq 0.05$

Q1: 1º quartil que mostra a distribuição até 25% da amostra

Q3: 3º quartil que mostra a distribuição até 75% da amostra

-x-: Não foi possível utilizar cálculo estatístico

Observa-se que existe diferença estatisticamente significativa entre o desempenho dos sujeitos na elaboração das frases escritas na Língua Portuguesa e das frases expressas em Libras, com melhores resultados nesta última.

5 DISCUSSÃO

Os marcadores de tempo utilizados pelos surdos na produção das frases na Libras corroboram a literatura que menciona o uso de advérbios de tempo ou de um item lexical que o indique (Ferreira-Brito, 1995; Felipe, 2005), uma vez que esta língua não possui flexão verbal de tempo.

Os marcadores de tempo da Libras categorizados em contexto foram utilizados em quase um terço das frases do passado e do futuro e demonstram que estes sujeitos produziram frases relatando suas experiências pessoais sobre o tema (verbo) proposto. Este dado é reforçado pelo fato destes sujeitos apresentarem resistência na elaboração das frases do futuro, relatando que não sabem o que irá acontecer. Tal ocorrência pode ser justificada pela Libras ser uma língua espaço-visual, existindo uma contextualização maior dos acontecimentos do que nas línguas orais-auditivas, ou pela dificuldade dos surdos desta pesquisa em utilizar outros marcadores de tempo na língua de sinais. Como são escassos os estudos publicados sobre esse tema, não foi encontrado nenhum dado sobre esse aspecto na literatura consultada.

Houve diferença estatisticamente significativa entre o desempenho dos sujeitos na produção das frases do tempo presente com o passado e o futuro. Esse dado pode ter ocorrido em consequência de o contexto de avaliação (elaboração de frases) ter privilegiado o tempo presente. Outra explicação para estes resultados, pode estar relacionada ao fato de que as frases do presente dos sujeitos que não utilizaram marcadores em nenhum

dos tempos foram consideradas corretas, pois de acordo com a literatura este tempo geralmente não possui especificação temporal (Felipe, 2005).

Apesar de a maioria dos participantes empregarem adequadamente os marcadores de tempo nas frases expressas em Libras, esperava-se melhor desempenho dos sujeitos por ser a língua preferencial de comunicação dos mesmos.

Questiona-se a idade de aquisição da Libras pelos surdos da pesquisa e a forma como esta língua vem sendo adquirida. De acordo com a literatura as crianças surdas demoram a adquirir a língua de sinais, devido ao fato de a maioria ser filhas de pais ouvintes que desconhecem esta língua (Harris, 2001; Nicholas, Geers, 2003; Caporali, et al., 2005; São Paulo, 2005; Herman et al., 2008).

Dessa forma, o aprendizado tardio da Libras e a falta de interlocutores dentro da família que utilizam a língua de sinais pode ter acarretado nos sujeitos atraso no desenvolvimento da linguagem. Kyle (2001) relata que esse atraso, encontrado em pessoas surdas, é decorrente do fato de a maioria ter experiências na abordagem oralista e aprender tardiamente a língua de sinais. Ou seja, o acesso a esta língua geralmente acontece no contexto escolar e depois dos cinco anos de idade. Neste sentido, pesquisas (Bonvillian et al., 1997; Woll, 1998; Colombo et al., 2002) têm demonstrado que a exposição tardia pode resultar em um domínio incompleto da gramática, uma vez que para alguns autores a idade de cinco anos é considerada crítica para o domínio pleno da língua de sinais. Em contrapartida, algumas pesquisas questionam tal afirmativa relatando que o

meio ambiente e a motivação do indivíduo exercem papel fundamental em seu aprendizado (Santana, 2007; Souza, 2009).

Em relação às frases escritas na Língua Portuguesa, os resultados revelam uma porcentagem baixa de flexões verbais de tempo utilizadas adequadamente no passado e presente, e ausência do uso adequado desta flexão no tempo futuro.

Estes dados corroboram o estudo de Góes (1999) que observou inconsistência do tempo verbal e terminações incorretas para tempo na produção escrita de surdo do Ensino Fundamental. Em 2003, Fernandes constatou que, embora o verbo possa apresentar-se lexicalmente correto nas produções escritas de surdos, não há domínio dos tempos no processo de construção frasal. Em contrapartida, Gonçalo (2004) observou baixa ocorrência de inconsistência de tempo verbal na produção escrita de surdos matriculados no último ano do Ensino Médio ou que já tinham concluído este nível escolar. Os resultados das pesquisas sugerem que a dificuldade no uso da flexão verbal de tempo na produção escrita de surdos do ensino médio é superada com o avanço da escolaridade.

Em relação ao uso do tempo futuro na Língua Portuguesa, pesquisas têm apontado o declínio deste tempo em detrimento da perífrase (Cunha, Cintra, 1985; Cunha 1992). Apesar disso, não foi constatado o uso de perífrase nas produções dos surdos desta pesquisa.

Os sujeitos do estudo apresentaram melhor percentual de utilização das flexões verbais do tempo presente, com o verbo na terceira pessoa do singular do modo indicativo. Houve relação estatisticamente significativa

entre o uso da flexão verbal do tempo presente com o avanço das séries escolares. Estes dados corroboram a literatura nacional que sugere que a flexão verbal de tempo é sanada com o avanço da escolaridade e conseqüentemente ampliação do conhecimento da Língua Portuguesa (Fernandes, 2003; Gonçalo, 2004; São Paulo, 2005; Crato, Cárnio, 2009).

A maioria dos verbos empregados nas frases produzidas na Língua Portuguesa foi escrito na forma nominal do infinitivo. Tais resultados corroboram o estudo de Wolbers (2008) e Crato e Cárnio (2009) que evidenciaram o predomínio do verbo no infinitivo na produção escrita de surdos.

Outro dado que chama a atenção é o número de frases não elaboradas na Língua Portuguesa Escrita, uma vez que os sujeitos da pesquisa têm entre nove e dezoito anos de escolaridade. Apesar do tempo de escolaridade elevado, os surdos iniciaram o processo escolar sem uma língua estabelecida, o que, segundo a literatura, pode gerar lentidão no processo de aquisição da escrita (Jenny et al., 2004, Koutsoubou et al., 2006, São Paulo, 2007, Hermans et al., 2008).

A maioria das frases elaboradas pelos participantes da pesquisa foi composta por sujeito, verbo e objeto, com variação do sujeito e/ou objeto. A falta de conhecimento sobre as regras da Língua Portuguesa e a limitação do léxico associados à preocupação em realizar a atividade com êxito pode ter contribuído para que os sujeitos escrevessem frases simples. A presença de frases compostas por sujeito, verbo e objeto também foram apontadas como uma característica da produção escrita de surdos nos estudos de

Singleton et al. (2004), Koutsoubou et al. (2006), Burman et al. (2007), Crato e Cárnio (2009).

Apesar de os sujeitos da pesquisa estarem adquirindo a modalidade escrita do Português como segunda língua esperava-se maior domínio da flexão verbal, pelo tempo de escolaridade e série escolar em que estão matriculados. Contudo, Kubota (1998) afirma, em seu estudo, que o tempo de exposição a uma segunda língua não garante ao indivíduo uma boa produção textual, pois a habilidade de escrita na língua materna pode influenciar a qualidade dos textos gerados na segunda língua, devido à transferência de estratégias da escrita. No caso dos surdos da pesquisa esta transferência de estratégias não ocorre, pois a Libras não possui representação escrita como ocorre nas línguas orais-auditivas. Essa é uma diferença importante na relação dos surdos sinalizadores com a escrita quando comparados aos ouvintes (Williams, 2004; Peixoto, 2006)

Quanto ao uso de outros marcadores de tempo empregados na elaboração das frases escritas, os resultados sugerem que quatro sujeitos realizaram a transposição da estrutura da Libras para a Língua Portuguesa, uma vez que na Libras é comum o uso dos marcadores utilizados (Ferreira Brito, 1995; Felipe, 2005). De acordo com a literatura é freqüente o uso de traços da primeira língua quando se está adquirindo uma segunda língua (Wang, Wen, 2002; Woodall, 2002; Devitto, Burgess, 2004).

A transposição da estrutura da Libras para a Língua Portuguesa demonstra evolução na produção escrita desses sujeitos, pois, apesar de apresentarem dificuldade em realizar a indicação de tempo no verbo, têm

conhecimento da importância de sua marcação para explicitar na frase o momento em que ocorreu a ação, demonstrando indícios de habilidades metalingüísticas. Tais dados corroboram as pesquisas de Wang e Wen (2002), Castro (2005) e Crato e Cárnio (2009) que demonstraram que os sujeitos que estão em processo de aprendizagem de uma segunda língua utilizam seus conhecimentos da primeira língua como recurso para melhorar o desempenho na produção escrita na segunda língua.

Observa-se relação estatisticamente significativa entre o uso de marcadores de tempo utilizados nas frases escritas com o tempo em que os surdos utilizam a Libras. Estes dados sugerem que com o aumento do tempo de exposição à Libras os surdos aprendem a empregar os marcadores de tempo desta língua e os utilizam no aprendizado da Língua Portuguesa Escrita.

O uso de marcadores de tempo empregados nas frases escritas também foi estatisticamente significativa com o aumento das séries escolares e quando a Libras foi ensinada por uma pessoa surda.

Na pesquisa de Crato e Cárnio (2009) foi observado o uso mais freqüente de advérbios utilizados como marcadores de tempo nas frases escritas de surdos sinalizadores matriculados em séries mais avançadas.

O fato de alguns sujeitos da pesquisa terem aprendido a Libras com sujeitos surdos parece ser um aspecto relevante no que diz respeito ao aprendizado e domínio do funcionamento desta língua, contribuindo para a transposição dos marcadores de tempo da Libras para as frases escritas. Esses dados corroboram os achados de Peixoto (2006) que afirma que o

surdo bilíngue busca na língua dominante, ou seja na Libras, elementos para significar a língua que está aprendendo, no caso, a Língua Portuguesa Escrita.

As dificuldades de compreensão de leitura e de escrita relatadas pelos sujeitos na aplicação do questionário podem ser atribuídas ao pouco conhecimento que apresentam da Língua Portuguesa Escrita, bem como à limitação lexical, marcada pelo uso de vocabulário simples.

Esses dados já foram apontados na literatura (Cárnio, 1995; Botelho, 2002), responsabilizando os professores pelo fato de realizarem uma interpretação única de vocábulos, e, conseqüentemente, diminuírem a possibilidade de o surdo ampliar e generalizar os vários sentidos dos mesmos.

Problemas no uso da sintaxe, relatado por alguns surdos, podem ser explicados pela diferença na estrutura da Libras e da Língua Portuguesa, e pelo conhecimento restrito que os surdos têm sobre esta última. Esses dados corroboram o estudo de Rossa e Rossa (2009) que relataram que a maioria dos erros de construção frasal cometidos no aprendizado de uma segunda língua se deve ao fato de os sujeitos se basearem na estrutura da primeira língua. Portanto, quanto maior for o conhecimento dos surdos sobre a estrutura da Língua Portuguesa Escrita, melhor será o uso da sintaxe nessa língua.

O desempenho superior na elaboração das frases em Libras quando comparadas às frases escritas na Língua Portuguesa é previsto devido ao

fato de os surdos da pesquisa terem adquirido a Libras como primeira língua, apesar da idade tardia de sua aquisição.

Os resultados do estudo apontam a necessidade do desenvolvimento de um trabalho de conscientização das diferenças da estrutura da Libras e da Língua Portuguesa Escrita, como segunda língua, para que os surdos possam produzir textos escritos com competência e transitar entre as duas línguas, diferenciando seus usos nos mais variados contextos.

Ressalta-se que este estudo apresenta um recorte do desempenho de surdos sinalizadores, matriculados entre a 3^a e 6^a série do Ensino Fundamental, no uso de marcadores de tempo em frases elaboradas na Libras e na Língua Portuguesa Escrita, fato que impede a generalização dos dados. Contudo, espera-se que possa trazer algumas contribuições para o desenvolvimento de estratégias e programas que auxiliem os surdos na aquisição e compreensão dos marcadores de tempo utilizados na Língua Portuguesa Escrita, principalmente pelos indícios de habilidades metalingüísticas apontados.

Sugere-se a realização de mais pesquisas referentes ao uso de verbos e à marcação de tempo por surdos sinalizadores com diferentes níveis de escolaridade, em produções frasais e textuais e com um número maior de sujeitos.

Destaca-se a importância de os profissionais envolvidos na estimulação da leitura e da escrita de surdos levarem em consideração as habilidades metalingüísticas destes indivíduos. Para que isso ocorra, é imprescindível que todos os profissionais que trabalham com a produção

escrita de surdos sinalizadores sejam fluentes em Libras, conheçam a gramática desta língua e trabalhem com a escrita de forma significativa, valorizando ambas as línguas como essenciais para inclusão destes indivíduos na sociedade letrada.

6 CONCLUSÃO

Os dados demonstraram que os surdos da pesquisa utilizam adequadamente os marcadores de tempo na maioria das frases elaboradas em Libras. Apesar disso, esperava-se melhor desempenho dos participantes pelo fato de a Libras ser a língua preferencial de comunicação dos mesmos. Os surdos utilizaram adjuntos adverbiais, advérbios de tempo e emprego do contexto para marcar o tempo das frases.

Em relação à marcação das frases na Língua Portuguesa, os surdos apresentaram dificuldade no uso da flexão verbal de tempo, escrevendo o verbo na forma nominal do infinitivo na maioria das frases.

Os sujeitos matriculados em séries mais avançadas (5ª e 6ª série) apresentaram melhores resultados no uso das flexões verbais de tempo, fato que demonstra que com o aumento da escolaridade os surdos adquirem maior conhecimento sobre esse tópico.

Quatro surdos que estavam matriculados em séries mais avançadas (5ª e 6ª série) utilizaram marcadores de tempo da Libras na produção de frases escritas na Língua Portuguesa. A transposição dos marcadores de tempo da Libras, na escrita das frases na Língua Portuguesa, possibilitou ao leitor a compreensão do tempo em que a ação foi realizada, e, ao mesmo tempo, sugere que esteja ocorrendo um comportamento metalingüístico.

Salienta-se a importância de se considerar o desenvolvimento de linguagem dos surdos desse estudo, uma vez que a idade tardia de aquisição da Libras (entre 9 e 16 anos), associada à falta de interlocutores

dentro da família, que utilizem uma língua em comum, pode ter contribuído para um possível atraso no desenvolvimento da linguagem desses sujeitos. Além disso, deve-se considerar a limitação desse estudo em relação à amostra reduzida e conseqüente impossibilidade de generalização.

Concluindo, a maioria dos surdos pesquisados sabe utilizar os marcadores de tempo na Libras, contudo apresentam pouco ou nenhum conhecimento sobre a marcação de tempo das frases na Língua Portuguesa Escrita. Este fato demonstra que os sujeitos apresentam dificuldade no uso de habilidades metalingüísticas necessárias para dominar aspectos importantes desta língua.

7 ANEXOS

Anexo A-1: Aprovação da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa



APROVAÇÃO

A Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa - CAPPesq da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em sessão de 12/09/2007, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **0708/07**, intitulado: "**O USO DE VERBOS POR SURDOS SINALIZADORES**" apresentado pelo Departamento de **FISIOTERAPIA, FONOAUDIOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL**, inclusive o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme parecer anexo.

Cabe ao pesquisador elaborar e apresentar à CAPPesq, os relatórios parciais e final sobre a pesquisa (Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196, de 10/10/1996, inciso IX.2, letra "c").

Pesquisador (a) Responsável: **Profª Drª Maria Sílvia Cárnio**

Pesquisador (a) Executante: **Aline Nascimento Crato**

CAPPesq, 14 de Setembro de 2007

Prof. Dr. Eduardo Massad
**Presidente da Comissão
de Ética para Análise de
Projetos de Pesquisa**

Anexo A-2: Aprovação da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa sobre a mudança de título.

HC HOSPITAL DAS CLÍNICAS
DA FACULDADE DE MEDICINA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Carta datada de 13/02/2009


Ao
Departamento de Fisioterapia / Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional

A Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa - CAPPesq da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em sessão de 15/04/2009, tomou conhecimento da alteração de título do Protocolo de Pesquisa nº **0708/07** "O USO DE VERBOS POR SURDOS SINALIZADORES" para "MARCAÇÃO DE TEMPO POR SURDOS SINALIZADORES" bem como tomou ciência do relatório de andamento do projeto.

Pesquisador (a) Responsável: **Profa. Dra. Maria Sílvia Cárnio**

Pesquisador (a) Executante: **Aline Nascimento Crato**

CAPPesq, 16 de abril de 2009.



PROF. DR. EDUARDO MASSAD
Presidente da Comissão Ética para Análise de Projetos de Pesquisa

Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa do HCFMUSP e da FMUSP
Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Rua Ovídio Pires de Campos, 225 5º andar - CEP 05430 010 - São Paulo - SP
Fone: 011 - 30696442 fax: 011 - 3069 6492 - e-mail: cappesq@hcnet.usp.br / secretariacappesq@hcnet.usp.br
hf

Anexo B: Questionário sobre a trajetória lingüística e escolar de estudantes surdos

Data da entrevista ____ / ____ / ____

Identificação

Nome: _____
 Data de nascimento: ____ / ____ / ____ Idade: _____
 Natural de: _____
 Nome da mãe: _____ Idade: _____
 Escolaridade: _____ Profissão: _____
 Nome do pai: _____ Idade: _____
 Escolaridade: _____ Profissão: _____
 Número de irmãos: _____ (nome, idade, escolaridade, apresenta comprometimento de fala, audição e/ou linguagem)

Trajétória lingüística

Tipo de comunicação utilizada:

- () Língua de sinais
 () Língua de sinais + Língua oral
 () Língua oral

Por quê? _____

Com que idade aprendeu a língua de sinais? _____

Quem ensinou? _____

Onde aprendeu? _____

Você conversa em Libras com quem? _____

Freqüenta alguma comunidade surda? () sim () não

Utiliza LOF? () sim () não

Tem dificuldade de compreensão? () sim () não

Usa AASI?

() Não. Já usou? () nunca usou. Por quê? _____

() Sim. Por quanto tempo? _____

Porque não usa mais? _____

() Sim. Desde que idade? _____

Gosta de usar o AASI? () sim () não Por quê? _____

Já fez tratamento fonoaudiológico?

() Não. Por quê? _____

() Sim. Desde que idade? Por quanto tempo? _____

Local: _____

Já fez atendimento pedagógico?

() Não. Por quê? _____

() Sim. Desde que idade? Por quanto tempo? _____

Local: _____

Trajetória escolar

Com que idade ingressou na escola? _____

Fez pré-escola? () sim () não

Quais escolas e tipo de classe frequentou? (escola comum-classe comum, escola comum-classe especial, escola especial)

Já repetiu alguma série? () sim () não Se sim, qual(is)? _____ Quantas vezes? _____

A escola possui sala de recursos? () sim () não

A escola possui sala de informática? () sim () não

A escola possui professor itinerante especialista em surdez? () sim () não

A escola possui intérprete da Libras na sala de aula? () sim () não

Como é divisão dos alunos por classe?

() por idade () por nível de escolaridade () outros: _____

Qual a língua de comunicação usada pela escola?

() sinais () oral () oral e sinais () outra: _____

Os professores utilizam a língua de Sinais?

() a maioria () a minoria () todos () nenhum

Você tem dificuldade de ler? () sim () não

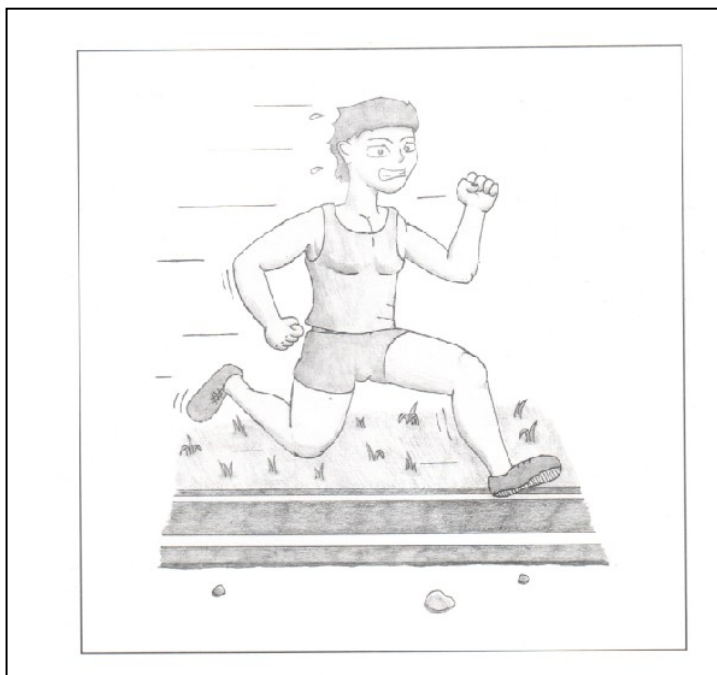
Se sim, quais? _____

Você tem dificuldade de escrever? () sim () não

Se sim, quais? _____

**Anexo C: Modelo de uma das cartelas de verbos utilizadas na pesquisa
(verbo: “CORRER”)**

Frente



Verso

Correr

O garoto **corre** pela pista de corrida para ganhar a competição.

	Presente	Passado	Futuro
Eu	Corro	Corri	Correrei
Ele, Ela, Você	Corre	Correu	Correrá
Nós	Corremos	Corremos	Correremos
Eles, Elas, Vocês	Correm	Correram	Correrão

Referenciar esse material como: QUINTANO NEIRA, Patrícia Rodrigues; CÁMINO, Maria Sílvia. Ilustrações de Rodrigo Quintano. Caderno Ilustrado de verbos: um recurso pedagógico para o desenvolvimento da Língua Portuguesa. 32 cartelas ilustradas. Belo Horizonte: Pro Foco, 2009.

Anexo D: Descrição dos sinais referentes aos verbos avaliados baseado no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua Brasileira de Sinais (Capovilla, Raphael, 2001a,b)

Verbos	Descrição
Beber	Mão direita fechada em sentido vertical, polegar distendido, na frente da boca. Aproximar o polegar na direção da boca.
Comer	Mão direita aberta em sentido vertical, palma da mão na frente da boca. Dobrar os dedos duas vezes.
Correr	Mãos fechadas em sentido horizontal, ao lado do corpo. Movimentá-las alternadamente para cima e para baixo.
Fechar	Mãos abertas em sentido vertical, dedos unidos. Deslocar a mão direita em direção à esquerda e bater no indicador esquerdo.
Jogar	Mãos fechadas em sentido horizontal com polegares alongados em sentido vertical. Mover as mãos para cima e para baixo.
Limpar	Mão esquerda aberta em sentido horizontal com a palma para cima. Mão direita fechada em sentido horizontal, palma para baixo com dedos indicador e polegar distendidos. Mover a mão direita em direção a esquerda do pulso até as pontas dos dedos.
Nadar	Mãos abertas em sentido horizontal, palmas para baixo. Mover as mãos, alternadamente, em círculos verticais para frente.
Pintar	Mão esquerda aberta em sentido vertical, com a palma inclinada para o lado direito. Mão direita aberta em sentido vertical, palma inclinada para o lado esquerdo. Mover a mão direita para baixo e passar o dorso dos dedos para cima, sobre a palma esquerda, duas vezes.
Pular	Mãos fechadas em sentido horizontal com as palmas para cima uma de cada lado do corpo. Movimentá-las em círculos verticais para frente e para baixo.

Anexo E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

HOSPITAL DAS CLÍNICAS
DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CAIXA POSTAL, 8091 – SÃO PAULO - BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL**

1. NOME DO PACIENTE:.....
DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº : SEXO :M F
DATA NASCIMENTO:/...../.....
ENDEREÇO Nº.....APTO:
BAIRRO:..... CIDADE
CEP:.....TELEFONE: DDD (.....)
- 2.RESPONSÁVEL LEGAL:
NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador etc.)
DOCUMENTO DE IDENTIDADE :.....SEXO: M F
DATA NASCIMENTO:/...../.....
ENDEREÇO:..... Nº APTO:
BAIRRO: CIDADE:
CEP: TELEFONE: DDD (.....).....

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA**1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:**

O uso de verbos por surdos sinalizadores

PESQUISADOR: Maria Silvia Cárnio

CARGO/FUNÇÃO: Professora Doutora do Curso de Fonoaudiologia do departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL Nº 1.450SP

UNIDADE DO HCFMUSP: Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Leitura e Escrita do Curso de Fonoaudiologia do departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional

2. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

- SEM RISCO RISCO MÍNIMO RISCO MÉDIO
- RISCO BAIXO RISCO MAIOR

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

3.DURAÇÃO DA PESQUISA : .12 meses

III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:

Os surdos apresentam muita dificuldade no uso da Língua Portuguesa, principalmente no emprego de verbos, devido ao fato de utilizarem a estrutura da língua de sinais quando escrevem.

Nessa pesquisa será necessário que o(a) senhor(a) preencha um questionário contendo informações a respeito da trajetória lingüística e escolar de seu(sua) filho(a). Após o preenchimento do questionário será feita uma prova escrita e em Libras sobre o conhecimento que seu(sua) filho(a) tem de verbos.

Fica claro que esta pesquisa não trará nenhum risco à saúde de seu(sua) filho(a). Os resultados da pesquisa poderão mostrar uma nova maneira de ensinar os surdos a usarem verbos na escrita, aumentando o entendimento dos mesmos em atividades do dia-a-dia que precisem utilizar à escrita. Em nenhum momento, será divulgado o nome de seu(sua) filho(a) e os resultados desta pesquisa serão utilizados apenas em Congressos e/ou revistas científicas para ajudar outras pessoas interessadas neste trabalho e também outros surdos com dificuldades no uso de verbos na escrita e na Libras.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:

A qualquer momento estaremos à disposição para responder suas perguntas sobre surdez, Língua de Sinais e linguagem escrita de seu(sua) filho(a). Mesmo depois da realização da prova, ou a qualquer momento, se você preferir que os seus dados não sejam utilizados para a pesquisa, sua vontade será respeitada. Como uma das pesquisadoras responsáveis por este projeto, garanto que sua identidade não será revelada em nenhum momento.

Seu(sua) filho(a) contará com o atendimento do Centro de Distúrbios da Comunicação no Núcleo de Inclusão Profissional e Educacional para Surdos da Prefeitura Municipal de Taubaté, localizado na rua Barão da Pedra Negra, 45 – Centro, Taubaté/SP. A pesquisadora executante se responsabilizará pelos atendimentos e possíveis encaminhamentos que se fizerem necessários. A pesquisadora responsável pela pesquisa se responsabilizará por toda a orientação desta, e disponibiliza toda a infra-estrutura necessária do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica de leitura e escrita do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da USP, localizado na rua Cipotânia, 51- Cidade Universitária, São Paulo/SP.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Prof^ª. Dr^ª. Maria Silvia Cárnio – e-mail: mscarnio@usp.br
Pesquisadora executante: Aline Nascimento Crato
e-mail: alinecrato@zipmail.com.br
Rua Cipotânia, 51- Cidade Universitária - São Paulo.
Telefone: (11)3091-7455 ou (11)3091-8412

VI - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

Taubaté, de de 20 .

assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal

assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome Legível)

Anexo F: Quadro do sistema de transcrição das avaliações em Libras de acordo com os critérios de Felipe (Felipe, 2005)

Ocorrência	Transcrição	Exemplo
Sinais da Libras	Será representado pelos itens lexicais da Língua Portuguesa em letra maiúscula.	BATATA
Um sinal traduzido por duas ou mais palavras em Língua Portuguesa.	Será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.	CORDA-PULAR
Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, mas com a idéia de uma única coisa.	Será representado por duas ou mais palavras separadas pelo símbolo “^”.	MULHER^BENÇÃO Língua Portuguesa: “mãe”
Alfabeto manual	Será representado pela palavra separada, letra por letra por hífen.	S-U-C-O
Uma palavra da Língua Portuguesa que passou a pertencer a Libras por ser expressa pelo alfabeto manual com a incorporação de um movimento próprio desta língua.	Será representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.	R-S Língua Portuguesa: “reais”
Sinais representados por palavras da Língua Portuguesa que possuem marcas para gêneros (masculino e feminino) e número (plural).	Serão representadas com o símbolo @ no final da palavra para reforçar a idéia de ausência, pois na Libras não há desinências para gêneros e número.	PESSO@

<p>Traços não manuais (expressões facial e corporal) que são feitos simultaneamente com um sinal.</p>	<p>Serão representadas acima da palavra que corresponde ao sinal ao qual está acrescentando alguma idéia. Pode ser em relação ao:</p> <ul style="list-style-type: none"> - advérbio de modo ou intensificador (escrita em letra minúscula) - tipo de frase (sinais de pontuação) 	<p> muito LONGE</p> <p> ? LEMBRAR</p>
<p>Verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal, veículo), por meio de classificadores.</p>	<p>Serão representados com o tipo de classificador em subscrito.</p>	<p>Pessoa ANDAR</p>
<p>Verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoa, por meio do movimento direcionado.</p>	<p>Serão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:</p> <ul style="list-style-type: none"> - pessoas gramaticais: 1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular; 1d, 2d, 3d = 1ª, 2ª, 3ª pessoas do dual; 1p, 2p, 3p = 1ª, 2ª, 3ª pessoas do plural; - variável para o lugar: i: ponto próximo à 1ª pessoa; j: ponto próximo à 2ª pessoa; k = pontos próximos à 3ª pessoas; e = esquerda; d = direita; 	<p>1s DAR 2s</p> <p>Língua Portuguesa = “eu dou para você”</p> <p>Kd ANDAR Ke</p> <p>Língua Portuguesa = “andar da direita para a esquerda”</p>

Marca de plural pela repetição do sinal	Será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido.	PRÉDIO+
Dois sinais sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente.	Serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: - mão direita (md) - mão esquerda (me)	IGUAL (md) IGUAL (me)

Anexo G: Protocolo para validação do critério de análise dos recursos utilizados para marcar o tempo das produções em Libras

Sujeito: _____

Verbo: beber

	Frases solicitadas		
	Passado	Presente	Futuro
Tempo utilizado			
Marcador de tempo			

Verbo: comer

	Frases solicitadas		
	Passado	Presente	Futuro
Tempo utilizado			
Marcador de tempo			

Verbo: correr

	Frases solicitadas		
	Passado	Presente	Futuro
Tempo utilizado			
Marcador de tempo			

Verbo: fechar

	Frases solicitadas		
	Passado	Presente	Futuro
Tempo utilizado			
Marcador de tempo			

Verbo: jogar

	Frases solicitadas		
	Passado	Presente	Futuro
Tempo utilizado			
Marcador de tempo			

Verbo: limpar

	Frases solicitadas		
	Passado	Presente	Futuro
Tempo utilizado			
Marcador de tempo			

Verbo: nadar

	Frases solicitadas		
	Passado	Presente	Futuro
Tempo utilizado			
Marcador de tempo			

Verbo: pintar

	Frases solicitadas		
	Passado	Presente	Futuro
Tempo utilizado			
Marcador de tempo			

Verbo: pular

	Frases solicitadas		
	Passado	Presente	Futuro
Tempo utilizado			
Marcador de tempo			

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anderson D, Reilly J. The MacArthur communicative development inventory: normative data for american sign language. *J Deaf Stud Deaf Educ.* 2002;7(2):83-119.

Baker C, Padden C. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. In P. Siple (ed.) *Understanding language through sign language research.* Academic Press, New York, USA, 1978, 27-57.

Barbosa JB. O uso dos verbos no desenvolvimento da linguagem. *ReVEL.* 2005; 3(5). Disponível em: [http:// www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br).

Battison R. Phonological deletion in american sign language. *Sign Lang Stud.* 1974;5(1):1-19.

Befi-Lopes DM, Cáceres AM, Araújo K. Aquisição de verbos em pré-escolares falantes do português brasileiro. *Rev CEFAC.* 2007;9(4):444-52.

Bellugi U, Klima. *Properties of visuospatial language.* Paper for International Congress: Sign Language Research and Application, Conference. Siegmund Prillwitz (ed.) Hamburg; 1990. p.23-5.

Bonvillian JD, Richards HC, Dooley TT. Early sign language acquisition and the development of hand preference in young children. *Brain Lang.* 1997; 58(1): 1-22.

Botelho P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e prática pedagógicas.* Belo Horizonte: Autêntica; 2002.

Brasil. Presidência da República. *Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002.* Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Brasília (DF). 2002.

Brasil. Presidência da República. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art.18 da Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília (DF). 2005.

Bueno FS. *Gramática normativa da Língua portuguesa: curso superior*. 7ed. São Paulo: Saraiva; 1968.

Burman D, Nunes T, Evans D. Writing profiles of deaf children taught through British Sign Language. *Deafness Educ. Int.* 2007;9(1): 2-23.

Caporali AS, Lacerda CBF, Marques PL. Ensino de língua de sinais a familiares de surdos: enfocando a aprendizagem. *Pró-Fono*. 2005; 17(1): 89-98.

Capovilla FC, Raphael WD. *Dicionário Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira*, Volume II: Sinais de M a Z. 2ed. São Paulo: Edusp: Impressão Oficial do Estado; 2001a.

Capovilla FC, Raphael WD. *Dicionário Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira*, Volume I: Sinais de A a L. 2ed. São Paulo: Edusp: Impressão Oficial do Estado; 2001b.

Cárnio MS. *Conceitos e compreensão da leitura do surdo no contexto da educação especial* [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 1995.

Cárnio MS, Gomes MSR, Mecca FFDN, Couto MIV, Lichtig I, Carvalho RMM. Disponibilidade para atividades de leitura e escrita de crianças surdas e ouvintes de três a cinco anos de idade. *Pró-Fono*. 2000;12(2):67-72.

Castro DFV. Investigando o uso de L1 no processo de escrita em L2: uma abordagem qualitativa. *ReVEL*. 2005;3(5). Disponível em: <http://www.revel.inf.br>.

Cegalla DP. Morfologia: verbos. In:_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 44ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 2001. p.182-242.

Colombo L, Burani C. The influence of age of acquisition of age of acquisition, root frequency, and context availability in processing nouns and verbs. *Brain Lang*. 2002; 81(1-3):398-411.

Crato NA, Cárnio MS. *Questionário sobre a trajetória lingüística e escolar de estudantes surdos*, 2007. Adaptado de CibotoT, Cárnio MS, 2004. Protocolo de uso restrito desta pesquisa.

Crato AN, Cárnio MS. Análise da flexão verbal de tempo na escrita de surdos sinalizadores. *Rev Bras Ed. Esp*. 2009; 15(2):233-250.

Cunha CF. *Gramática da língua portuguesa*. 12ed. Rio de Janeiro: FAE; 1992.

Cunha CF, Cintra L. *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa; 1985.

Devitto Z, Burgess C. Theoretical and methodological implications of language experience and vocabulary skill: priming of strongly and weakly associated words. *Brain Cogn*. 2004; 55(1): 295-99.

Fabbretti D, Volterra V, Pontecorvo C. Written language abilities in deaf Italians. *J Deaf Stud. Deaf Educ*.1998 3(3): 231-244.

Felipe TA. *Libras em contexto: curso básico*. 5ed. Rio de Janeiro: Libregraf; 2005.

Fernandes E. *Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: Agir; 1990.

Fernandes E. Uma análise do instrumental lingüístico em língua portuguesa em surdos adultos. In: Fernandes E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed; 2003. p. 61-147.

Ferreira-Brito L. Similarities and differences in two brazilian sign languages. *Sign Lang Stud*. 1984;13(42):45-56.

Ferreira-Brito L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1995.

Ferreira S, Cárnio MS. Interferências do Acesso às Distintas Modalidades Lingüísticas no Processo de Escrita Espontânea do Surdo Inserido no Contexto de Educação Especial. *Pró-Fono*. 1999; 11(2):38-45.

Gesueli ZM. *Aquisição da escrita pela criança não ouvinte* [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1988.

Gesueli ZM. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. *Educ. Soc*. 2006;27(94): 277-92.

Góes MCR. O surdo na escola: a escrita, a fala e os sinais. In:Góes MCR. *Linguagem, surdez e educação*. 2ed. Campinas: Autores Associados; 1999. p. 1-24.

Gonçalo SF. Perfil da produção escrita e da trajetória escolar de alunos surdos de Ensino Médio. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; 2004.

Guarinello AC. A proposta bilíngüe: língua de sinais e escrita. In: Guarinello AC. *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. São Paulo: Plexus; 2007. p.45-60.

Grimshaw GM, Adelstein A, Briden MP, Mackinnon GE. First language acquisition in adolescence: evidence for a critical period of verbal language development. *Brain Lang*. 1998; 63(2): 237-55.

Harris M, Clibbens J, Chasin J, Tibbitts R. The social context of early sign language development. *First Language*. 1989; 9(25): 81-97.

Harris M. It's all a matter of timing: sign visibility and sign reference in deaf and hearing mothers of 18-month-old children. *J Deaf Stud Deaf Educ*. 2001; 6(3):177-85.

Hermans D, Knoors H, Ormel E, Verhoeven L. Modeling reading vocabulary learning in deaf children in bilingual education programs. *J Deaf Stud Deaf Educ*. 2008, 13(2):155-74.

Hickok G, Bellugi U, Klima E. *Sign language in the brain*. Scientific American. 2001. p. 42-9.

Jenny L. Singleton JL, Morgan D, DiGello E, Wiles J, Rivers R. Vocabulary use by low, moderate, and high ASL-proficient writers compared to hearing ESL and monolingual speakers. *J Deaf Stud. Deaf Educ*. 2004,9(1):86-103.

Kantor R. The acquisition of classifiers in American Sign Language. *Sign Lang Stud*. 1980; 28(1):193-208.

Karnopp LB. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: Lodi ACB, Harrison KMP, Campos SRL, Teske O(orgs.). *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação; 2002. p.56-61.

Koutsoubou M, Herman R, Woll B. Bilingual language profiles of deaf students: an analysis of the written narratives of three deaf writers with different language proficiencies. *Deafness Educ. Int.* 2006; 8(3):144-68.

Kubota R. An Investigation of L1-L2 Transfer in Writing among Japanese University Students: Implications for Contrastive Rhetoric. *J Sec Lang Writing.* 1998;7(1): 69-100.

Kyle J, Ackerman J. Signing for infants: deaf mothers using BSL in the early stages of development. In: Edmondson W, Karlsson K. (eds.). *International Studies on Sign Language and Communication of the Deaf.* Hamburg: Signum; 1990. p.200-11.

Kyle J. A pessoa surda: aspectos de desenvolvimento / aprendizagem e contextos de educação bilíngüe. *Rev. Online Bibl. Prof. Joel Martins,* Campinas. 2001; 2(3):117-28.

Liddell SK. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. In: Emmorey K, Reilly J. (eds). *Language, gesture and space.* Hillsdale, N.J.: Laurence Erlbaum Associates; 1995. p.19-41.

Lodi ACB, *A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: oficinas com surdos* [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica São Paulo; 2004.

Luft CP. *Moderna gramática brasileira.* 14ed. São Paulo: Globo; 2000.

Macambira JR. *A estrutura morfo-sintática do português.* São Paulo: Pioneira; 2001.

Marshall J. Noun-verb dissociations: evidence from acquisition and developmental and acquired impairments. *J Neurolinguistics*. 2003;16(2):67-84.

Marshall J, Atkinson J, Thacker A, Woll B. Stroke in users of BSL: investigating sign language impairments. In: Austen S, Crocker S. (ed). *Deafness in mind. Working Psychologically with Deaf People across the Lifespan*. London: Whurr Publishers Ltd; 2004. p 284- 301.

MacSweeney M, Woll B, Campbell R, McGuire PK, David A S, Williams SCR, Suckling J, Calvert G A, Brammer MJ. Neural Systems underlying British Sign Language and audio-visual English process in native users. *Brain*. 2002; 125(7): 1583-93.

Meier RP. The acquisition of verb agreement in ASL: Pointing out arguments for the linguistic status of agreement in signed languages. In: Morgan G, Woll B (eds.). *Directions in Sign Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p.115-42.

Miller GA, Fellbaum C. Semantic networks of English. *Cognition*. 1991;41(1-3): 197-229.

Moreira RL. *Uma descrição da dêixis de pessoa na Língua de Sinais Brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores* [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2007.

Morgan G, Herman R, Woll B. The development of complex verbs in british sign language. *J Child Lang*. 2002; 29(3): 655-75.

Morgan G. Os sinais da aquisição da Língua. In: Moura MC, Vergamini SAA, Campos SRL(orgs). *Educação para surdos: práticas e perspectivas*. São Paulo: Santos; 2008. p.79-111.

Neto PC, Infante U. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione;2003.

Neville HJ, Coffey SA, Lawson DS, Fischer A, Emmorey K, Bellugi U. Neural systems mediating American Sign Language: effects of sensory experience and age of acquisition. *Brain Lang*. 1997; 57(3): 285-308.

Nicola J, Infante U. *Gramática contemporânea da Língua Portuguesa*.4ed. São Paulo: Scipione; 1999.

Nicholas JG, Geers AE. Hearing status, language modality and young children's communicative and linguistic behaviour. *J Deaf Stud Deaf Educ*. 2003;8(4):422-37.

Peixoto RC. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. *CEDES*. 2006; 26(69): 205-29.

Pereira MCC. A língua de sinais na educação de surdos. In: Lacerda CBF, Nakamura H, Lima MC (orgs.). *Fonoaudiologia: Surdez e abordagem bilíngüe*. São Paulo: Plexus; 2000. p.13-20.

Pereira MCC. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: Lodi ACB, Harrison KMP, Campos SRL, Teske O(orgs.). *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação; 2002. p.47-55.

Petitto LA, Katerelos M, Levy B, Gauna K, Tétrault K, Ferraro V. Bilingual signed and spoken language acquisition from birth: implications for

mechanisms underlying bilingual language acquisition. *J Child Lang.* 2001;28(2):453-96.

Quadros RM. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição* [dissertação]. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 1995.

Quadros RM. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. São Paulo: Artes Médicas; 1997.

Quadros RM, Karnopp LB. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed; 2004.

Quintano-Neira PRN, Cárnio MS. *Caderno Ilustrado de Verbos: um recurso pedagógico para o desenvolvimento da Língua portuguesa*. Barueri: Pró-Fono; 2005.

Rathmann C, Mann W, Morgan G. Narrative structure and narrative development in deaf children. *Deafness Educ Int.* 2007; 9(4):187-96.

Rossa AA, Rossa CR. O paradigma conexionista e o ensino de língua estrangeira. *Letras de Hoje.* 2009; 44(3):53-9.

Ryan MA. *Conjugação dos verbos em português: prático e eficiente*. 17ed. São Paulo: Ática; 2004.

Salles HMML, Faulstich E, Carvalho OL, Ramos AAL. Tempo e aspectos verbais. In: Salles HMML, Faulstich E, Carvalho OL, Ramos AAL. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC / SESP; 2004. p.182-201.

Sacconi LA. *Gramática Essencial*. 18ed. São Paulo: Atual Editora; 1999.

Santana AP. Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

São Paulo (Estado). Secretaria da Educação. *Leitura, escrita e surdez*. Pereira MCC(org). São Paulo: FDE; 2005.

São Paulo (Estado). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Projeto toda força ao 1º ano: contemplando as especificidades dos alunos surdos*. São Paulo: SME/DOT; 2007.

Singleton JL, Morgan D, DiGello E, Wiles J, Rivers R. Vocabulary use by low, moderate, and high ASL-proficient writers compared to hearing ESL and monolingual speakers. *J Deaf Stud. Deaf Educ.* 2004; 9 (1): 86-103

Skipp A, Windfuhr KL, Conti-Ramsden G. Children's grammatical categories of verb and noun: a comparative look at children with specific language impairment (SLI) and normal language (NL). *Int J Lang Commun Dis.* 2002; 37(3):253-71.

Souza JB, Youssef S. Verbos. In: Souza JB, Youssef S. *Minigramática*. 2.ed. São Paulo: Saraiva; 1998. p.201-46.

Souza MOP. A interação entre crenças e motivação no processo ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. *ReVEL*. 2009;7(13). Disponível em: <http://www.revel.inf.br>.

Stokoe WC. *Sign language structure: as outline of the visual communication system for the American deaf*. Buffalo, NY: Buffalo University; 1960.

Strong M, Prinz PM. A study of the relationship between American Sign Language and English literacy. *J Deaf Stud. Deaf Educ.* 1997; 2(1):37-46.

Sutton-Spence R, Woll B. *The linguistics of British Sign Language: an introduction*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1999.

Svartholm K. Aquisição de segunda língua por surdos. *Rev Espaço*. 1998; 1(9):38-45.

Svartholm K. Educação bilíngüe para os surdos na Suécia: Teoria e prática. In: Moura MC, Vergamini SAA, Campos SRL (org.). *Educação para Surdos: Práticas e Perspectivas*. São Paulo: Santos Editora; 2008. p.119-44.

Tonietto L, Villavicencio A, Siqueira S, Parente MAMP, Sperb TM. A especificidade semântica como fator determinante na aquisição de verbos. *Psico*. 2008; 39(3): 343-51.

Wang L. Switching to first language among writers with differing second-language proficiency. *J Second Language Writing*. 2003;12 (4): 347-75.

Wang W, Wen Q. L1 Use in the L2 Composing Pprocess: An Exploratory Study of 16 Chinese EFL Writers. *J Sec Lang Writing*. 2002;11(3): 225-46.

Weijen DV, Bergh HVD, Rijlaarsdam G, Sanders T. L1 use during L2 writing: An empirical study of a complex phenomenon. *J Second Language Writing*. 2009;18(4):235-50.

Wilbur, RB. The use of ASL t support the development of English and literacy. *J Deaf Stud. Deaf Educ*. 2000;5(1):81-104.

Williams CL. Preschool deaf children´s use of signed language during writing events. *J Literacy Research*. 1999; 31(2): 183-212.

Williams C. Emergent literacy of deaf children. *J Deaf Stud Deaf Educ*. 2004;9(4):352-65.

Wolbers KA. Using balanced and interactive writing instruction to improve the higher order and lower order writing skills of deaf students. *J Deaf Stud. Deaf Educ.* 2008;13(2):257-77.

Woll B. Development of signed and spoken languages. In: Gregory S, Knight P, McCracken W, Powers S, Watson L. (orgs). *Issues in Deaf Education*. London: David Fulton Publishers; 1998.

Woodall BR. Language-Switching: Using the First Language While Writing in a Second Language. *J Second Language Writing*. 2002; 11(1): 7-28.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)